

CAPÍTULO 1
Considerações sobre o
“Livro dos Médiuns”

PERGUNTA: — De início, gostaríamos que nos indicásseis qual o método mais eficiente para o êxito do desenvolvimento mediúnico ou qual o processo mais aconselhável para educar o candidato a médium.

RAMATÍS: — Assim como ao futuro acadêmico compete primeiramente estudar a cartilha primária, a fim de aprender o alfabeto que o credenciará para tentar no futuro os estudos mais complexos da cátedra universitária, o médium também precisa começar o seu desenvolvimento mediúnico orientado pelas lições básicas da doutrina espírita. O homem pode tornar-se engenheiro, advogado, médico ou magistrado, mas ele sempre terá de começar pela alfabetização.

Atualmente, à medida que o mundo terreno progride, a sua humanidade também freqüenta cursos para poder exercer as suas profissões as mais singelas e, devido a isso, multiplicam-se e popularizam-se os tratados científicos e os compêndios técnicos, a fim de serem orientadas as experimentações ou as especulações mais comuns. Hoje estudam-se e consolidam-se regras e leis que, baseadas nas longas experimentações do passado, graduam disciplinadamente os estudos mais variados e facilitam muitíssimo o roteiro educativo dos estudiosos. Pouco a pouco eliminam-se as indecisões, os equívocos, os transtornos e as surpresas tão comuns às tentativas empíricas e próprias das experimentações sem

Ramatís

métodos seguros.

Em conseqüência disso, os empreendimentos culturais, os cursos científicos e os conhecimentos técnicos modernos são tratados em linguagem acessível a todas as mentes estudiosas e aceleram o progresso da humanidade terrena, porquanto reduzem a perda de tempo comumente empregado no empirismo desordenado. Proliferam, então, as academias destinadas a oficializar todos os labores humanos, pois diplomam costureiras, floristas, oradores, barbeiros, motoristas, fabricantes de doces, especialistas em extração de calos ou técnicos das mais variadas profissões. É evidente que, se a faculdade mediúnica é destinada a objetivos mais sublimes, e bem mais complexa e importante do que as profissões comuns do mundo, ela também exige um roteiro inteligente, sensato e criterioso, sob o mais devotado carinho e desprendimento de seus cultores.

Nesse aprimoramento mediúnico estão em jogo os elevados ensinamentos da vida evangélica, e a sua finalidade é a de proporcionar ao homem a sua mais breve libertação espiritual. Entretanto, o êxito depende muitíssimo das condições morais e dos conhecimentos do médium, o qual deve se afastar de tudo aquilo que possa despertar o ridículo, a censura ou o sarcasmo sobre a doutrina espírita. O médium desenvolvido, na acepção da palavra, é fruto de longas experimentações em favor do próximo; só o serviço desinteressado, a imaginação disciplinada e o equilíbrio moral-emotivo é que poderão garantir-lhe o sucesso nas suas comunicações com o Alto.

Só o desenvolvimento mediúnico correto, supervisionado por outras criaturas sensatas e experimentadas, é que realmente poderá garantir os resultados proveitosos e evitar os espinhos das decepções prematuras ou o desencanto das tarefas fracassadas. Embora algumas criaturas se deixem atrair pelas manifestações e encenações exóticas, que impressionam os leigos nos fenômenos mediúnicos, o intercâmbio satisfatório e profícuo com o Além também requer disciplina semelhante à que se exige nos cursos acadêmicos

Mediunismo

do mundo profano.

Assim como seria absurdo pretender alguém candidatar-se a um curso acadêmico, mas negando-se a alfabetizar-se em primeiro lugar e tentando alcançar o seu objetivo superior por meio de tentativas empíricas e experimentações confusas, também é absurdidade que o candidato necessitado do desenvolvimento mediúnico espiritista, despreze as regras e as normas fundamentais do “Livro dos Médiuns”, nas quais Allan Kardec cimentou definitivamente a prática sensata da mediunidade.

Assim como não confiais na criatura que se afirma portadora de um diploma acadêmico, mas sem nunca ter feito os estudos primários, é claro que também não podeis confiar na capacidade, na segurança e no entendimento de qualquer médium que ignore os princípios mais rudimentares sobre a mediunidade, expostos no “Livro dos Médiuns”. Muito mais importante e perigosa do que as relações e as profissões no mundo material são ainda as relações entre os vivos e os mortos, por cujo motivo o médium não pode prescindir de um roteiro certo e seguro em seu desenvolvimento, tal como Allan Kardec o estabeleceu em suas obras fundamentais.

PERGUNTA: — No entanto, conhecemos alguns confrades que se consideram “bons médiuns” e são bastante seguros em suas tarefas mediúnicas, mas que afirmam nunca haver lido uma página do “Livro dos Médiuns”, nem mesmo consultado qualquer outra obra de Allan Kardec. Que dizeis disso?

RAMATÍS: — Quanto a haver médium bom e seguro, mesmo ignorando as obras de Allan Kardec, não opomos dúvida alguma, pois o Catolicismo, o Protestantismo, a Teosofia, o Esoterismo, o Budismo, o Islamismo, o Induísmo e o Judaísmo, as instituições Rosa-Cruz e outras associações iniciáticas contaram em seu seio com magníficos médiuns de alto critério espiritual, mas alheios aos postulados espíritas. O Espiritismo é o conjunto de leis morais que disciplinam as relações desse “mediunismo” entre o plano visível e o invisível.

CAPÍTULO 2
A mediunidade e o
“Consolador” prometido

PERGUNTA: — Que relação há entre a mediunidade e o “Consolador” prometido por Jesus? Que é, propriamente, a mediunidade?

RAMATÍS: — A mediunidade é um patrimônio do espírito; é faculdade que se engrandece em sua percepção psíquica, tanto quanto evolui e se moraliza o espírito do homem. A sua origem é essencialmente espiritual e não material. Ela não provém do metabolismo do sistema nervoso, como alegam alguns cientistas terrenos, mas enraíza-se na própria alma, onde a mente, à semelhança de eficiente usina, organiza e se responsabiliza por todos os fenômenos da vida orgânica, que se iniciam no berço físico e terminam no túmulo.

A mediunidade é faculdade extra-terrena e intrinsecamente espiritual; em sua manifestação no campo de forças da vida material, ela pode se tornar o elemento receptivo das energias sublimes e construtivas provindas das altas esferas da vida angélica. Quando é bem aplicada, transforma-se no serviço legítimo da angelitude, operando em favor do progresso humano. No entanto, como recurso que faculta o intercâmbio entre os “vivos” da Terra e os “mortos” do Além, também pode servir como ponte de ligação para os espíritos das sombras atuarem com mais êxito sobre o mundo material. Muitos médiuns que abusam de sua faculdade mediúnica e se entregam a um serviço mercenário, em favor exclusivo dos seus

Mediunismo

interesses particulares, não demoram em se ligar imprudentemente às entidades malfeitores dos planos inferiores, de cuja companhia dificilmente depois eles conseguem se libertar.

PERGUNTA: — Dizem certos médicos, estudiosos do assunto, que a mediunidade é apenas um “fenômeno orgânico”. Que dizeis sobre isso?

RAMATÍS: — A mediunidade não é fruto da carne transitória, nem provém de qualquer sensibilidade ou anomalia do sistema nervoso. Repetimos: é manifestação característica do espírito imortal. É percepção espiritual ou sensibilidade psíquica, cuja totalidade varia de indivíduo para indivíduo, pois, em essência, ela depende também do tipo psíquico ou do grau espiritual do ser. Embora os homens se originem da mesma fonte criadora, que é Deus, eles se diferenciam entre si, porque são consciências individualizadas no Cosmo, mas conservando as características particulares, que variam conforme a sua maior ou menor idade sideral. Há um tom espiritual próprio e específico em cada alma, e que se manifesta por uma tonalidade particular durante a manifestação mediúnica. É como a flor, que revela o seu perfume característico, ou então a lâmpada, que expõe a sua luz particular.

PERGUNTA: — Conforme temos observado, a mediunidade, atualmente, generaliza-se e recrudescer entre os homens de modo ostensivo. Por que ocorre tal fenômeno em nossos dias?

RAMATÍS: — É fenômeno resultante da hipersensibilidade psíquica que presentemente sobressai entre os homens, em concomitância com o “fim dos tempos” ou “juízo final”, tantas vezes já profetizado. O século em que viveis é o remate final da “Era da Matéria”, que até o momento tem sido regida pela belicosidade, cobiça, astúcia, cólera, egoísmo e crueldade, paixões mais próprias do instinto animal predominando sobre a centelha espiritual. Encontrai-vos no limiar da “Era do Espírito”, em que a humanidade sentir-se-á impulsionada para o estudo e o cultivo dos bens da vida

CAPÍTULO 3
Todas as criaturas são médiuns?

PERGUNTA: — Qual a espécie de mediunidade mais avançada?

RAMATÍS: — Sem dúvida, é a Intuição Pura. Embora não seja fenômeno atestável espetacularmente no mundo exterior da matéria, é a mais sublime faculdade oriunda de elevada sensibilidade espiritual. É natural e definitiva, espécie de percepção panorâmica que se afina tanto quanto o espírito mais se ajusta nas suas relações e inspirações das esferas mais altas para a carne. É o “elan” que une a alma encarnada diretamente à Mente Divina que a criou, facultando-lhe transferir para a matéria o verdadeiro sentido e entendimento da vida espiritual superior.

Uma vez que a mediunidade não é, propriamente, uma faculdade característica do organismo carnal, mas o recurso sublime para fluir e difundir-se o esclarecimento espiritual entre os homens, ela mais se refina e se exalta tanto mais o seu portador também se devote ao intercâmbio superior do espírito imortal. É o próprio dicionário terreno que vos explica o fenômeno. Intuição — diz ele, é o ato de ver, percepção clara, reta, imediata, das verdades, sem necessidade de raciocínio; pressentimento, visão beatífica.

A intuição é, pois, o estágio mais elevado do espírito; é

Ramatís

o corolário de sua escalonada desde o curso primitivo do instinto até à razão angélica. Evidentemente, enquanto o homem for mais dominado pela razão humana, também será mais governado pelas forças rígidas do intelecto, escravo do mundo de formas e submetido às leis coercivas da vida física. Só a intuição pura dá-lhe a percepção interior da realidade cósmica, ou então permite-lhe a concepção panorâmica do Universo. É, na verdade, a faculdade inconfundível que “religa” a criatura ao seu Criador. É a divina lente ampliando a visão humana para descortinar a sublimidade da vida imortal.

A pureza cristalina da Intuição Pura foi o apanágio dos seres de alta estirpe espiritual e que delinearam roteiros de luzes para o vosso orbe, qual o fizeram Crisna, Confúcio, Pitágoras, Buda, Jesus, Francisco de Assis e outros que, em peregrinação pela vida física, conservaram-se permanentemente ligados às esferas sublimes do espírito superior, qual ponte viva a unir o mundo exterior da matéria à intimidade do Espírito Cósmico. A Intuição Pura é a “voz sem som”, a “voz interior”, a “voz do som espiritual”, que fala na intimidade da alma; é a linguagem misteriosa, mas verdadeira e exata, do próprio Eu Superior guiando o ego lançado na corrente evolutiva das massas planetárias.

Assim como a razão auxilia o homem a compreender e avaliar a expressão fenomênica das formas do mundo material, a Intuição lhe permite “sentir” todas as leis ocultas e “saber” qual a natureza original do Espírito Criador do Cosmo. Referindo-nos à Intuição, como o ensejo divino de elevação à Consciência Cósmica do Seu Autor Eterno, diz a linguagem poética dos yogas: “Antes que a Alma possa ver, deve ser conseguida a harmonia interior e os olhos da carne tornados cegos a toda ilusão. Antes que a Alma possa ouvir, a imagem (o homem) tem de se tornar surda aos rugidos como aos segredos, aos gritos dos elefantes em fúria, como ao sussurro prateado do pirilampo de ouro. Antes que a Alma possa com-

Mediunismo

preender e recordar, deve ela primeiro unir-se ao Falador Silencioso, como a forma que é dada ao barro se uniu primeiro ao espírito do escultor. Porque então a Alma ouvirá e poderá recordar-se. E então ao ouvido interior falará a Voz do Silêncio”¹.

PERGUNTA: — Em face de a mediunidade ser manifestação natural do próprio espírito do homem, deveremos considerar que, sem qualquer exceção, todas as criaturas são médiuns?

RAMATÍS: — Sim, porque todos nós transmitimos para o ambiente da matéria os mais variados tons do nosso espírito, assim como sempre influenciámos os demais companheiros pelos nossos pensamentos, atos e sentimentos. Há homens que, devido ao seu espírito preñado de otimismo e incessantemente afeito ao bem, são médiuns da alegria, da esperança, do ânimo e da confiança, sempre convictos dos elevados objetivos espirituais da vida humana. Outros, pessimistas inveterados, vertem constantemente de sua intimidade psíquica o mau humor que tolda o azul do céu mais puro da jovialidade alheia e se transformam indesejavelmente nos médiuns da melancolia, da tristeza, da descrença, da aflição e do desânimo. A mente do homem encarnado é o campo que reflete a sua vida interior, assim como transfere para o mundo exterior tanto o seu comportamento anímico quanto os pensamentos dos espíritos encarnados ou desencarnados dos mais variados matizes, que o influenciam em suas relações cotidianas.

Não há dúvida, pois, de que todas as criaturas são médiuns. A mediunidade não é faculdade adstrita somente a alguns seres, ou exclusivamente aos espíritos, mas todos os homens, como espíritos encarnados na matéria, são intermediários das boas ou más inspirações do Além-Túmulo. É evidente, entretanto, que a faculdade mediúnica se manifesta de conformidade com o entendimento e o progresso espiri-

¹ — Nota do médium: Ramatís solicitou-nos que transcrevêssemos o trecho acima da obra “A Voz do Silêncio”, edição da Livraria Clássica Editora — Porto, Portugal.

CAPÍTULO 4
A “prova” da obsessão

PERGUNTA: — Podeis nos explicar melhor o caso de espíritos que devem reencarnar com o destino fatalista de ser obsidiados, a fim de despertarem os membros de sua família para os postulados da vida imortal, e que depois são curados pelo Espiritismo? Estranhamos essa condição de a criatura ser fatalmente vítima da obsessão, quando temos aprendido que ninguém renasce na Terra com a determinação de sofrer qualquer castigo ou penalidade propositalmente, sob a imposição dos espíritos superiores.

RAMATÍS: — Os Mentores Espirituais nunca determinam que certos espíritos devam reencarnar-se sob o estigma implacável de serem obsidiados, vítimas de homicídios ou de acidentes fatais, o que seria uma punição deliberada e incompatível com a Bondade do Criador. Os espíritos faltosos são encaminhados para a vida física sob o comando de suas próprias faltas e dos efeitos do desregramento cometido nas existências passadas; eles são situados carmicamente no seio das influências mórbidas ou maléficas semelhantes às que também alimentaram ou produziram no pretérito.

A nova existência física transforma-se-lhes numa “probabilidade” favorável ou desfavorável, dependendo fundamentalmente do modo como eles passam a agir na matéria entre os seus velhos comparsas, vítimas ou algozes pregressos, pois ficam na dependência de suas próprias paixões,

Mediunismo

vícios ou virtudes. Desde que se mantenham de modo digno, vivendo amorosamente em favor do próximo, também poderão sobreviver sem conflitos ou tragédias, fazendo jus ao socorro espiritual dos seus mentores, que de modo algum desejam castigá-los, mas apenas recuperá-los espiritualmente. Sem dúvida, o espírito que, embora renascendo no meio de malfeitores, ou mesmo sendo alvo de qualquer obsessão cruel, se devote heroicamente ao bem alheio, exercite a sua ternura, o seu amor e magnanimidade para com todas as criaturas, sem distinção de crença, raça ou casta, também logra maiores probabilidades de sobreviver na matéria à distância de qualquer violência ou fim trágico.

PERGUNTA: — Como poderíamos avaliar a natureza dos delitos desses espíritos que renascem na Terra com essa “probabilidade” de sofrer a prova da obsessão, porque no passado semearam a perturbação mental, praticaram o suicídio ou se entregaram à prática do mal?

RAMATÍS: — É evidente que a revolta, o ateísmo, a sensualidade ou o pessimismo são bastante estimulados nas criaturas pelos maus escritores, oradores subversivos e líderes intelectuais maquiavélicos que, influenciados pelo existencialismo apocalíptico da época, usam de sua inteligência e agudeza mental para cavar fundo na alma dos seus leitores e admiradores invigilantes. Certas filosofias crônicas e doutrinações modernas induzem o homem a confundir e tomar os raciocínios e os malabarismos brilhantes da mente terrena como se fossem bens supremos do espírito imortal.

Elas aconselham aos seus discípulos o epicurismo da “fuga interior”, liberando-os de quaisquer obrigações para com alguma autoridade espiritual ou ente supremo, e tentam convencê-los de que serão humilhados pelo fato de concordarem ou se curvarem à idéia de um Deus, que reina acima dos valores do intelecto humano. Esses espíritos demasiadamente intelectivos, que empregam o seu talento para semear a descrença, a inconformação, a rebeldia e a ociosidade espiritual, que vivem preocupados excessivamen-

CAPÍTULO 5
Os trabalhadores ativos
no serviço mediúnico

PERGUNTA: — Ainda poderíeis nos explicar com melhor clareza qual a distinção existente entre os homens que são médiuns necessitados do desenvolvimento mediúnico junto à mesa espírita e aqueles que, embora médiuns, como são todos os homens, podem dispensar tal desenvolvimento?

RAMATÍS: — Podem ser considerados “médiuns oficiais”, na Terra, justamente aqueles que se reencarnam comprometidos com serviços obrigatórios na seara espírita. Estes requerem um desempenho incessante de sua atividade incomum, porquanto necessitam com maior urgência, compensar os prejuízos causados a outrem e também acelerar a sua própria recuperação espiritual. Destacando-se dos demais homens, pois gozam de faculdade mediúnica mais acentuada, relacionam-se mais direta e rapidamente com os desencarnados. Conforme seus pensamentos, sua conduta e objetivos na vida, sem dúvida atraem os espíritos da frequência vibratória sideral que, de conformidade com sua contextura espiritual, passam a influenciar para o bem ou para o mal as pessoas com as quais entram em contato.

Mas justamente porque são raros os médiuns missionários ou de Intuição Pura, também são poucos aqueles que alcançam o “clímax” abençoado do serviço mediúnico sem a preliminar do desenvolvimento torturado. Médiuns há nos quais eclodem ainda os resíduos das velhas paixões que já os contur-

Mediunismo

baram no passado; os seus pensamentos, palavras e sentimentos são alvo de ataque dos desencarnados, que tudo fazem para impedir-lhes o êxito do serviço mediúnico na seara espírita. Eles tentam fazê-los buscar o desenvolvimento de sua mediunidade à parte de qualquer disciplina ou proteção doutrinária; exploram-lhes o amor-próprio e a vaidade, afastando-os dos ambientes onde criaturas experimentadas poderiam ajudá-los na imunização contra o astral inferior.

É a fase torturada e contraditória, eivada de dúvidas e de esperanças, quando o homem sente o despertar de sua faculdade mediúnica mas, infelizmente, ainda não possui a força moral, a mente desenvolvida e os sentimentos equilibrados, que o deveriam sintonizar imediatamente com as almas benfeitoras, à medida que se abrem as portas de acesso ao mundo invisível. Às vezes, muito tarde é que o médium compreende a natureza e os objetivos do seu exercício mediúnico obrigatório, pois, malgrado ter enfrentado sacrifícios severos, só então comprova que tudo era feito exclusivamente em seu próprio bem! Então, como um semeador incondicional dos ensinamentos elevados do Alto, tanto precisa imunizar-se contra as críticas alheias, como impermeabilizar-se às lisonjas ou evidências perigosas à vaidade personalística da vida humana. As suas dores, ingratidões e injustiças são menos importantes do que as desventuras do próximo; as suas próprias opiniões não podem provocar qualquer conflito ou hostilidade alheia contra a doutrina espírita, que o acolhe e beneficia para usufruir o ensejo de renovação espiritual.

Os demais homens — embora sejam outros médiuns em potencial — serão unicamente responsáveis pelos seus atos e por aquilo que possa influir nos seus familiares. Mas os médiuns já consagrados ou admitidos como trabalhadores ativos no serviço mediúnico organizado, da seara espírita, representam no mundo profano uma idéia espiritual elevada, que não pode nem deve ser tisonada pelos seus interesses pessoais ou caprichos vaidosos.

PERGUNTA: — Já tivemos oportunidade de conhecer

CAPÍTULO 6
O médium de “mesa” e o de “terreiro”

PERGUNTA: — Em face de vossas considerações no capítulo anterior, concluímos que o único desenvolvimento mediúnico sensato e aconselhado ainda é o que se processa no ambiente espírita da codificação de Allan Kardec; não é assim?

RAMATÍS: — Não vos apresseis em considerações extremistas, pois é bem fácil distinguir o médium de “mesa”, que se desenvolve sob a égide da doutrina espírita, e o médium de “terreiro”, que prefere o seu desenvolvimento pela técnica de Umbanda. No primeiro caso, trata-se de Espiritismo, e no segundo apenas de Mediunismo. Não nos cabe julgar esta ou aquela predileção mediúnica, nem temos o direito de carrear com exclusividade para a esfera espírita os acontecimentos e os fenômenos que ocorrem desde o início da humanidade, sob a égide da manifestação mediúnica. O que mais importa na efetivação do serviço mediúnico, seja na seara espírita ou no ambiente umbandista, é saber se ele se efetua pelo amor ao Cristo e inspirado pelo seu divino Evangelho. Sob qualquer hipótese, sempre apreciamos mais o médium de terreiro que se integra completamente num trabalho guiado pelos preceitos evangélicos, do que o médium de “mesa” que se torna mercenário e corrompido.

Em ambos os casos, a distinção que nos parece mais plausível ainda é quanto à natureza interpretativa na mani-

Mediunismo

festação mediúnica, pois, enquanto o médium de mesa se preocupa mais propriamente com a espécie de idéias dos seus comunicantes, num intercâmbio acentuadamente de ordem mental, o médium de terreiro cuida principalmente de reconhecer a identidade do espírito que o incorpora. Na disciplina de Umbanda existem códigos, pontos cantados e riscados, cruzamentos de linhas e demanda de falanges que operam sob a base da magia prática, caracterizando cada grupo ou individualidade que dela participe. Assim, conforme sejam determinados pontos, sinais, toques ou códigos, o médium e os freqüentadores de Umbanda deduzem das intenções, da capacidade ou da natureza e especialidade de serviço que podem ser tratados com os comunicantes.

Junto à mesa espírita, em que ainda se nota um certo individualismo de trabalho nas relações com os encarnados, uma preleção de natureza elevada e de conteúdo sensato dispensa mesmo a assinatura ou a identidade do comunicante, que tanto pode ser um apóstolo, como um “joão-ninguém”. No entanto, a Umbanda, que ainda não cimentou sua unidade doutrinária definitiva nem firmou o seu sistema único de trabalho em todas as latitudes do orbe, através do seu sincretismo afro-católico transforma-se num trampolim favorável aos católicos, protestantes e outros religiosos dogmáticos para se familiarizarem com os ensinamentos da Reencarnação e a disciplina da Lei do Carma. As imagens, os cânticos, o incenso, as velas e as oferendas dos rituais de Umbanda, algo parecidos aos usos da Igreja Católica, atenuam o medo provinciano dos católicos pelas manifestações mediúnicas, e pouco a pouco incutem-lhes o gosto pelo conhecimento da imortalidade do espírito pregada por todas as filosofias reencarnacionistas.

Os chefes, as falanges e as linhas de Umbanda, com seus caboclos e pretos-velhos, apesar da multiplicidade de costumes, temperamentos e propósitos diferentes do serviço que executam junto à matéria, entrelaçam-se por severos compromissos, deveres hierárquicos e obrigações espirituais, que ainda não puderam ser compreendidos satisfatoriamente

CAPÍTULO 7
Considerações sobre
a mediunidade natural e de prova

PERGUNTA: — Gostaríamos que nos dissésseis algo sobre os médiuns que já gozam de sensibilidade psíquica avançada, cuja mediunidade, como nos tendes dito, é fruto exclusivo do seu aprimoramento espiritual.

RAMATÍS: — Os espíritos que já atingiram um alto nível moral e que, portanto, integraram-se à vida psíquica superior, quando encarnados são mais sensíveis aos fenômenos do mundo oculto, embora isto não aconteça de modo ostensivo, mas apenas através da intuição pura. A sua faculdade mediúnica, então, é o sagrado corolário do seu próprio aprimoramento espiritual, em vez de uma “concessão” extemporânea. Eles transformam-se em centros receptivos das manifestações incomuns que transcendem os sentidos físicos. Sua alta sensibilidade, fruto de avançado grau espiritual, afina-se incessantemente com os valores psíquicos do melhor quilate, facultando-lhes não só o conhecimento instantâneo dos acontecimentos presentes, como ainda as revelações mais importantes do futuro. O abençoado dom da Intuição Pura, e que em alto grau o possuíam Antúlio, Hermes, Rama, Crisna, Pitágoras, Buda, Ramacrisna e Jesus, além de outros seres que passaram anonimamente pelo mundo terreno, foi a faculdade iniciática que serviu para esses grandes espíritos liderarem as transformações admiráveis do espírito do homem. Eles tanto aferiram os fenôme-

Mediunismo

nos imediatos do mundo invisível, como ainda descortinavam amplamente a síntese dos acontecimentos futuros mais importantes, da Terra.

Há grande diferença entre o médium cuja faculdade é aquisição natural, decorrente de sua maturidade espiritual, e o médium de “prova”, que é agraciado imaturamente com a faculdade mediúnica destinada a proporcionar-lhe o resgate de suas próprias dívidas cármicas. Através de processos magnéticos, que ainda vos são desconhecidos, os técnicos do Astral hipersensibilizam o perispírito daqueles que precisam encarnar-se com a obrigação de trabalhar, pelo serviço da mediunidade, a favor do próximo, e também empreender a sua própria recuperação espiritual.

No Além existem departamentos técnicos especializados, que ajudam os espíritos a acelerar determinados centros energéticos e vitais do seu perispírito, despertando-lhes provisoriamente a sensibilidade psíquica para a maior receptividade dos fenômenos do mundo oculto, enquanto se encontram encarnados. Esse é o mandato mediúnico ou a transitória faculdade concedida a título de “empréstimo” pelo Banco Divino. Mas é também a arma de dois gumes, que exige severa postura moral no mundo, pois ela tanto situa o seu portador em contato com os espíritos benfeitores como também o coloca facilmente na faixa vibratória sombria das entidades do astral inferior.

Embora a faculdade mediúnica pareça a alguns um privilégio extemporâneo, contrariando o conceito de Justiça e Sabedoria de Deus, essa “concessão” prematura ao espírito faltoso implica justamente em sua maior responsabilidade e trabalho laborioso espiritual. Não é, pois, a graça “fora de tempo”, que exime a alma de preocupações e dos obstáculos futuros na sua evolução espiritual; é somente o “empréstimo” que lhe permite ressarcir-se de suas tolices e insânias cometidas no passado, compensando o tempo perdido com um serviço extraordinário. Os Mentores Siderais, apiedados dos espíritos demasiadamente onerados em seu fardo cármico para o futuro, lhes oferecem assim a oportunidade do rea-

CAPÍTULO 8
As dificuldades nas comunicações
mediúnicas com o alto

PERGUNTA: — Há fundamento na afirmação de que os espíritos elevados defrontam sérias dificuldades para entrar em contato com os médiuns, ou com o Plano material?

RAMATÍS: — Em face da vibração sutilíssima dos espíritos superiores, que já se distanciam bastante do padrão espiritual comum de vossa humanidade, eles se vêem obrigados a mobilizar todos os seus esforços e energias para serem percebidos pelos encarnados. Somente através dos médiuns sublimados no serviço do Cristo é que as entidades angélicas conseguem se manifestar mais a contento, por encontrarem fluidos sutilizados e balsâmicos, com que podem revestir os seus perispíritos para o contato com a matéria. Em geral, esses espíritos necessitam extrair grande quantidade de fluidos dos médiuns, mas só aproveitam uma pequena parte, isto é, a que for menos animalizada e mais susceptível de “eterização” angélica.

Embora se trate de seres sublimes, cuja presença é agradabilíssima e balsâmica às percepções das criaturas bastante sensíveis, eles não podem prescindir das energias grosseiras do plano carnal, quando desejam sintonizar-se com o perispírito dos médiuns. Daí o maior sucesso dos médiuns nesse elevado intercâmbio, quando se devotam incessantemente ao Bem e vivem à distância dos vícios e das paixões degradantes, pois isso também sublima-lhes os fluidos animalizados, devido à constante conexão com a frequência

Mediunismo

vibratória das regiões edênicas.

PERGUNTA: — Poderíeis nos explicar qual o tipo de sofrimento que então afeta esses espíritos elevados durante o seu contato terreno?

RAMATÍS: — Não se trata propriamente de qualquer sofrimento à semelhança do que acontece convosco no mundo físico, pois as vibrações espirituais dessas entidades sublimes superam a mediocridade de frequência vibratória da matéria, tal como o raio do Sol não sofre perturbação quando incide sobre o vaso de barro.

Os espíritos sábios e angélicos só podem afligir-se quando necessitam manter um contato mais direto convosco e atuar mais positivamente na matéria. Quando eles se servem dos médiuns para as comunicações com os encarnados, ingressam no seio de energias primárias da vida animal, e por isso sofrem a fadiga produzida pelo magnetismo opressivo do meio, o qual atua-lhes no perispírito e oprime-lhes a delicada composição fluídica. Envidam hercúleos esforços para baixar a sua dinâmica angélica natural e assim sintonizarem-se com os fluidos mais inferiores, a fim de poderem se fazer perceptíveis no cenário material.

Embora não possamos descrever com os vocábulos da linguagem humana o estado fluídico incômodo, angustioso e opressivo que ataca os seres angélicos quando se ajustam aos fluidos coercivos do mundo físico, lembramo-vos o caso de um homem sadio e jovial que, depois de habituado ao oxigênio puro e ao perfume inebriante das flores, se visse quase tolhido na sua respiração natural, e ainda obrigado a absorver as emanções sulfúricas de algum pântano. Essa dificuldade no contato mais direto das entidades angélicas com os fluidos ásperos e animalizados do mundo terreno lembra também o caso da criatura que, vestindo alvíssimo traje de linho, necessitasse penetrar com urgência no meio da lama gélida e repugnante, para socorrer alguém em perigo.

PERGUNTA: — Porventura as altas vibrações próprias dos

CAPÍTULO 8
As dificuldades nas comunicações
mediúnicas com o alto

PERGUNTA: — Há fundamento na afirmação de que os espíritos elevados defrontam sérias dificuldades para entrar em contato com os médiuns, ou com o Plano material?

RAMATÍS: — Em face da vibração sutilíssima dos espíritos superiores, que já se distanciam bastante do padrão espiritual comum de vossa humanidade, eles se vêem obrigados a mobilizar todos os seus esforços e energias para serem percebidos pelos encarnados. Somente através dos médiuns sublimados no serviço do Cristo é que as entidades angélicas conseguem se manifestar mais a contento, por encontrarem fluidos sutilizados e balsâmicos, com que podem revestir os seus perispíritos para o contato com a matéria. Em geral, esses espíritos necessitam extrair grande quantidade de fluidos dos médiuns, mas só aproveitam uma pequena parte, isto é, a que for menos animalizada e mais susceptível de “eterização” angélica.

Embora se trate de seres sublimes, cuja presença é agradabilíssima e balsâmica às percepções das criaturas bastante sensíveis, eles não podem prescindir das energias grosseiras do plano carnal, quando desejam sintonizar-se com o perispírito dos médiuns. Daí o maior sucesso dos médiuns nesse elevado intercâmbio, quando se devotam incessantemente ao Bem e vivem à distância dos vícios e das paixões degradantes, pois isso também sublima-lhes os fluidos animalizados, devido à constante conexão com a frequência

Mediunismo

vibratória das regiões edênicas.

PERGUNTA: — Poderíeis nos explicar qual o tipo de sofrimento que então afeta esses espíritos elevados durante o seu contato terreno?

RAMATÍS: — Não se trata propriamente de qualquer sofrimento à semelhança do que acontece convosco no mundo físico, pois as vibrações espirituais dessas entidades sublimes superam a mediocridade de frequência vibratória da matéria, tal como o raio do Sol não sofre perturbação quando incide sobre o vaso de barro.

Os espíritos sábios e angélicos só podem afligir-se quando necessitam manter um contato mais direto convosco e atuar mais positivamente na matéria. Quando eles se servem dos médiuns para as comunicações com os encarnados, ingressam no seio de energias primárias da vida animal, e por isso sofrem a fadiga produzida pelo magnetismo opressivo do meio, o qual atua-lhes no perispírito e oprime-lhes a delicada composição fluídica. Envidam hercúleos esforços para baixar a sua dinâmica angélica natural e assim sintonizarem-se com os fluidos mais inferiores, a fim de poderem se fazer perceptíveis no cenário material.

Embora não possamos descrever com os vocábulos da linguagem humana o estado fluídico incômodo, angustioso e opressivo que ataca os seres angélicos quando se ajustam aos fluidos coercivos do mundo físico, lembramo-vos o caso de um homem sadio e jovial que, depois de habituado ao oxigênio puro e ao perfume inebriante das flores, se visse quase tolhido na sua respiração natural, e ainda obrigado a absorver as emanações sulfúricas de algum pântano. Essa dificuldade no contato mais direto das entidades angélicas com os fluidos ásperos e animalizados do mundo terreno lembra também o caso da criatura que, vestindo alvíssimo traje de linho, necessitasse penetrar com urgência no meio da lama gélida e repugnante, para socorrer alguém em perigo.

PERGUNTA: — Porventura as altas vibrações próprias dos

CAPÍTULO 9

A extensão e profundidade das
comunicações mediúnicas

PERGUNTA: — Por que motivo é impossível aos desencarnados descreverem pelos médiuns, com toda exatidão, a realidade do Além? Isso nos ajudaria muitíssimo a eliminar definitivamente as dúvidas bastante comuns que ainda existem em todos os gêneros de trabalhos mediúnicos e terminaria por nos dar uma só concepção coletiva da vida imortal. Que dizeis?

RAMATÍS: — É muito difícil para os encarnados que ainda vivem no mundo da terceira dimensão, compreender com absoluta clareza os fenômenos e as manifestações que se processam do “lado de cá”, cujo plano é regido por dimensões sem apoio entendível na física humana. Acresce, ainda, que os estados vibratórios vividos pelos desencarnados superam qualquer concepção dinâmica de velocidade concebida pelos terrícolas.

As nossas comunicações para o mundo físico, como o fazemos neste momento, são transmitidas através do cérebro perispiritual do médium em que atuamos, e não diretamente sobre o seu cérebro físico. O nosso médium, por exemplo, a fim de tornar coerentes os nossos relatos do Além, mobiliza todos os seus esforços de memorização espiritual, na tentativa de evocar as lembranças dos seus estágios já vividos no mundo astral, durante os períodos em que se manteve desencarnado nos intervalos de suas anteriores encarnações.

Mediunismo

Ele materializa-nos os pensamentos por meio dos sinais gráficos da escrita à medida que o inspiramos, e procura relacioná-los com as imagens e conhecimentos já armazenados no seu subconsciente durante as vezes em que se manteve fora do corpo físico. O que lhe ditamos mentalmente, ele escreve como se viesse buscar o assunto no limiar dos dois mundos, para depois dar-lhe o retoque e o ajuste necessários à compreensão na linguagem humana. Como não desfrutamos presentemente do cérebro físico que nos serviu na última existência física que tivemos na Indo-China, só podemos atuar no perispírito do médium, porém sem intervir diretamente no seu cérebro material. Isso só o poderíamos fazer se ele fosse um médium completamente sonambúlico, porque, então, a sua faculdade nos permitiria agir diretamente sobre seu sistema cérebro-espinhal em combinação com o conjunto de gânglios nervosos.

Em conseqüência, ele se vê obrigado a recepcionar apenas “metade” da realidade espiritual do nosso mundo. Cabe-lhe, depois, compensar a outra metade com as sugestões e as imagens terrenas que lhe são conhecidas, ajustando-as de modo comparativo ao que pressupõe ser a fenomenologia astral.

Esse é um dos motivos por que a maioria dos médiuns não consegue fazer uma descrição exata do Além, na conformidade do que lhes é ditado pelos espíritos desencarnados. Durante a comunicação mediúnica ocorre forte abaixamento vibratório das entidades comunicantes, devido ao seu grande esforço em direção à matéria, e a fim de exporem com o melhor êxito possível os fenômenos do mundo oculto. É óbvio que essa redução vibratória só pode ocorrer com os espíritos superiores, pois os desencarnados imperfeitos, ou malévolos, por vezes ainda vibram em freqüência mais inferior do que os próprios médiuns.

PERGUNTA: — Porventura não poderíeis contornar essa dificuldade no intercâmbio mediúnico, deslocando o vosso médium mais para o interior do mundo astral, isto é, atraindo-o para mais próximo da realidade em que viveis?

RAMATÍS: — Algumas vezes o atraímos para o “lado de

O médium anímico-mediúnicos e o intuitivo

PERGUNTA: — Qual o tipo de médium cujo espírito se afasta do corpo físico e o deixa em completo transe mediúnicos? É o sonambúlico?

RAMATÍS: — Conforme já vos temos esclarecido, dificilmente existe absoluta similaridade de técnica ou a mesma exatidão no exercício da mediunidade, entre um médium e outro, quer seja ele intuitivo, incorporativo ou de efeitos físicos. O fato de o espírito abandonar o corpo carnal do médium não implica em classificá-lo, de imediato, como um sonâmbulo, na acepção da palavra com que se costuma denominar o intermediário inconsciente entre os desencarnados e os encarnados. Assim, existe o médium de incorporação, sonâmbulo e inconsciente, cujo espírito se afasta do seu organismo físico, enquanto outro desencarnado fala ou escreve diretamente por ele, senhor absoluto da casa alheia. Há, também, o medianeiro que abandona o seu corpo e não o cede a ninguém. Ele mesmo é quem toma conhecimento dos fenômenos do mundo astral e depois os relata convicto de que esteve sob a incorporação ou influências de um desencarnado.

Daí existir o médium que ao mesmo tempo é anímico e mediúnicos, cujo espírito se afasta do seu organismo material e, em liberdade, participa dos fenômenos do mundo oculto, entrando em relação com os espíritos desencarnados e

Mediunismo

mesmo os encarnados. Trata-se de faculdade facilmente confundível com a do médium sonâmbulo ou de incorporação total, em que o espírito e o perispírito também deixam o seu corpo físico durante o transe mediúnico, enquanto os desencarnados podem se manifestar por ele revelando todas as suas características pessoais e cuja comunicação se processa sem o conhecimento do seu intermediário.

PERGUNTA: — Poderíeis nos esclarecer melhor sobre esse tipo de médium, que ao mesmo tempo é anímico e mediúnico, conforme no-lo dissestes?

RAMATÍS: — Trata-se de um médium cujo espírito e perispírito, tal como no caso do incorporativo, também se afastam do corpo carnal durante o sono hipnótico ou por qualquer acontecimento emocional incomum, ficando preso unicamente pelo cordão fluídico ou ectoplásmico da terminologia espírita, mais conhecido como o “cordão prateado” dos esoteristas, rosa-cruzes e yogas.

Embora sem as características do incorporativo, esse tipo de médium, enquanto dorme, pode ausentar-se facilmente do seu organismo físico e até manifestar-se a longa distância, em cuja liberdade astral às vezes emerge a sua memória etérica do passado, e ele passa a descrever cenas e fatos de suas vidas precedentes, embora os confunda por vezes com acontecimentos próprios de sua atual existência. Atuado pela influência regressiva da memória sideral, o médium anímico-mediúnico pode reassumir nas sessões espíritas a sua própria personalidade vivida na existência anterior, crente de que é agora um espírito desencarnado em comunicação.

Em geral, é criatura facilmente hipnotizável; cede também às sugestões alheias e às vontades mais fortes, entrando rapidamente no transe sonambúlico natural. Durante o transe revela sonhos premonitórios, descreve paisagens distantes e reflete com clareza os acontecimentos submersos ou estratificados na sua memória sideral-etérica. Quando hipnotizado, divulga os mínimos detalhes de suas existências

CAPÍTULO 12
A mediunidade mecânica

PERGUNTA: — Como é que se processa a mediunidade mecânica?

RAMATÍS: — Na classificação feita por Allan Kardec no “Livro dos Médiuns”, o médium mecânico é “aquele em que o espírito desencarnado poderá atuar diretamente sobre os centros nervosos e nervos motores, sem necessidade de agir pelo seu perispírito”. Isso facilita-os agirem tão livremente e sem obstáculos anímicos, que então escrevem, pintam ou até compõem música sem a interferência mental do médium. Nesse caso o médium não toma conhecimento direto do fato que ocorre consigo, e o espírito comunicante, atuando com fidelidade, tanto consegue escrever na forma que lhe era peculiar na vida física, como também pode tratar de assuntos desconhecidos do seu próprio intermediário, que apenas assiste em vigília ao trabalho automático de sua mão, podendo mesmo ocupar-se mental ou verbalmente de outras coisas. O espírito desencarnado liga-se ao médium mecânico através dos gânglios nervosos à altura da omoplata: ali ele dispõe de um segundo cérebro e pode atuar facilmente nos nervos motores dos braços e das mãos do médium, podendo escrever diretamente, tal como o fazia em vida física.

Certos médiuns mecânicos chegam a trabalhar com ambas as mãos ao mesmo tempo e sob a ação simultânea de duas entidades; alguns tanto escrevem mecanicamente em sua

Ramatís

linguagem comum, como também o fazem em idioma desconhecido e até em dialetos já extintos, do mundo. Os seus escritos também apresentam caracteres gráficos exatamente como os escreviam os seus comunicantes quando encarnados. Em tais condições excepcionais, o médium mecânico ainda pode palestrar com os circunstantes sobre assunto completamente diferente daquele que psicografa automaticamente.

PERGUNTA: — Que poderíeis nos dizer sobre a mediunidade “semimecânica”, que também é faculdade do vosso atual médium?

RAMATÍS: — Conforme explica Allan Kardec no “Livro dos Médiuns”, o médium semimecânico participa tanto da mediunidade mecânica como da intuitiva, pois escreve recebendo parte do pensamento dos espíritos pela comunicação e contato perispiritual, ao mesmo tempo que outra parte é articulada pelos comunicantes, independentemente de sua vontade. No médium absolutamente mecânico, o movimento de sua mão é dirigido pelo espírito comunicante, e o pensamento, portanto, vem depois da escrita; no caso do médium intuitivo, a sua escrita é espontânea e voluntária, pois o pensamento do desencarnado precede-lhe o ato de escrever. O médium semimecânico, que atua entre essas duas faculdades, tanto escreve intuitiva e voluntariamente, como às vezes o faz através dos impulsos diretos dos desencarnados, cujos pensamentos então acompanham a escrita.

O médium semimecânico tem conhecimento parcial daquilo que escreve, pois a maior porcentagem do assunto transmitido do Além atravessa-lhe o cérebro perispiritual. No entanto, passa a ignorar os trechos que são escritos mecanicamente pelo seu braço através do plexo braquial e sem fluir-lhe pelo cérebro físico. Em vez de “ouvir” ou “captar” o pensamento do espírito comunicante, na recepção intuitiva, quando ele escreve mecanicamente só pode limitar-se a “ler” o que independentemente de sua vontade vai sendo escrito no papel.

No entanto, ele conhece antecipadamente e fiscaliza uma grande parte daquilo que deverá escrever e que lhe passa pelo

CAPÍTULO 13
A mediunidade intuitiva
e a de incorporação

PERGUNTA: — A mediunidade mecânica é a própria mediunidade de incorporação?

RAMATÍS: — Há que distinguir o seguinte: o médium mecânico e o semimecânico não abandonam o seu corpo físico no momento em que escrevem as mensagens dos espíritos desencarnados, enquanto que, no caso da incorporação completa, o espírito e o perispírito do médium podem afastar-se até longa distância, deixando o corpo físico sob o comando dos desencarnados comunicantes. Conforme já expusemos anteriormente, o médium de incorporação completa quando abandona o seu corpo físico fica ligado a ele só pelo cordão fluídico e, enquanto permanece ausente, outro espírito se manifesta, assim como na ausência do dono da casa algum amigo ou estranho passasse a habitá-la. Embora ele continue preso ao corpo carnal, pelo cordão fluídico, em virtude do seu desligamento dos centros energéticos do duplo-etérico, cai-lhe a temperatura e o transe mediúnico aprofunda-se para o estado de catalepsia.

Assim, o êxito da comunicação mediúnica de incorporação, em transe completo, depende muito do conhecimento e da possibilidade de o próprio espírito desencarnado comandar o organismo físico do médium, que é o seu verdadeiro dono, mas ausente. A mediunidade de incorporação tal como a mecânica, também se presta melhor para as identificações

Mediunismo

corretas dos desencarnados que, podendo atuar sem interferência do médium, podem revelar com êxito as suas características psicológicas, e outras particularidades íntimas de sua vida na Terra.

Embora os espíritos comunicantes tenham de se submeter às exigências instintivas do corpo físico do médium de incorporação, o qual conserva os ascendentes biológicos e os hábitos particulares estigmatizados na sua vida em comum, eles assim mesmo conseguem manifestar-se de modo a comprovarem sua identidade. Embora em casa alheia ou disposto de outro instrumento vivo de manifestação no cenário do mundo material, através da face do sensitivo e de sua voz não deixam de estampar as suas principais qualidades ou defeitos conhecidos pelos vivos. A severidade, a malícia, o humorismo, a capciosidade, a ternura, a sisudez ou a humildade retratam-se perfeitamente através do médium de incorporação, porque ele goza da faculdade de poder plastificar em suas faces as expressões pessoais dos seus comunicantes. Lembra o caso do inquilino que, embora mudando-se para uma residência já mobiliada pelo seu antigo proprietário, modifica de tal modo a disposição comum dos móveis ali encontrados, que revela nessa arrumação o seu próprio gosto artístico e a sua preferência emotiva.

Servindo-se do médium de incorporação, o espírito comunicante já encontra nele certos hábitos biológicos e condicionamentos psicológicos que foram “arrumados” a seu gosto; mas durante a comunicação consegue interferir no seu intermediário e deixa transparecer algo de sua própria índole e temperamento espiritual. Em virtude de o espírito do médium afastar-se completamente do seu organismo físico, juntamente com o seu perispírito, a comunicação mediúnica flui-lhe de modo inconsciente e ele desperta do transe mediúnico sem nada recordar-se daquilo que foi transmitido pelo seu cérebro físico durante a sua ausência espiritual. Mais tarde, surpreende-se quando alguém descreve-lhe certos assuntos, conceitos filosóficos ou argumentação científica, que ele proferiu mas de que não teve conhecimento pessoal.

CAPÍTULO 14
Mediunidade sonambúlica

PERGUNTA: — Podemos considerar que a mediunidade sonambúlica é mais favorável do que a intuitiva?

RAMATÍS: — A faculdade mediúnica, embora sendo de “prova”, deve ser como a flor que se entreabre espontaneamente, sem o calor artificial da estufa. É tarefa ou responsabilidade espiritual determinada para o espírito endividado ressarcir-se dos seus débitos cármicos, e eclode no momento certo e previsto pelos mentores siderais que beneficiaram o médium antes de ele renascer na Terra. No entanto, achamos que é de pouca importância saber-se qual a mediunidade mais favorável, e sim qual delas permite ao médium redimir-se mais cedo do seu pretérito delituoso. O médium sonâmbulo não é mais agraciado espiritualmente do que o médium intuitivo, pois ambos enfrentam a responsabilidade mediúnica de conformidade com sua necessidade cármica e entendimento psíquico.

A administração sideral oferece-lhes o ensejo mediúnico de acordo com sua contextura espiritual e a possibilidade de melhor aproveitamento no serviço redentor. Aliás, o médium não deve preferir a condição passiva de simples “muleta” dos espíritos desencarnados, mas convém-lhe participar tanto quanto possível da comunicação mediúnica, a fim de incorporar à sua mente a bagagem superior que os guias movimentarem através de sua faculdade mediúnica. Depois de certo tempo de contato superior, o cérebro perispiritual do

Mediunismo

médium habitua-se às advertências e aos ensinamentos elevados, que os espíritos benfeitores transmitem para os encarnados, e assim fica mais treinado para orientar a sua própria existência física. Mesmo as comunicações tormentosas dos espíritos sofredores ou rebeldes, de que o médium participa por força do seu desenvolvimento mediúnico, servem de exemplos vivos para ajudá-lo a modificar a sua conduta moral e livrar-se de muitos padecimentos no Além-Túmulo.

Embora o desempenho da mediunidade semeie certas desilusões e dúvidas no médium ainda incipiente, pouco a pouco ela se transforma num dos melhores ensejos de reflexões para o melhoramento espiritual do seu portador. De acordo com o conceito de que “a função faz o órgão”, à medida que o médium se renova em espírito e afeiçoa-se ao estudo superior, ele também se torna o medianeiro das entidades cada vez mais elevadas, de cujo intercâmbio lhe resulta desde a preferência pelos pensamentos construtivos e atitudes benfeitoras, até à modificação louvável de sua linguagem grosseira para um nível respeitoso e sadio.

O serviço mediúnico sob o comando superior converte o seu medianeiro no instrumento útil, dócil e valioso, que por lei de assimilação o torna o arauto das idéias sublimes. Enquanto o médium sonambúlico se entrega ao sono pesado, em que mergulha a consciência para ceder o corpo físico ao espírito comunicante, o intuitivo não só transmite conscientemente as mensagens que os desencarnados lhe comunicam pelo perispírito, como ainda imprime na própria mente a essência educativa daquilo de que é portador.

PERGUNTA: — Os médiuns intuitivos comumente alegam que prefeririam a mediunidade sonambúlica, porque assim eles se livrariam do animismo improdutivo, que os leva a cometer certas incongruências mediúnicas. Que dizeis?

RAMATÍS: — O sonâmbulo absoluto é raríssimo, embora ocorra a inconsciência transitória no médium incorporativo, pois só os infelizes inquilinos dos asilos de psicopatas, destituídos completamente da razão, é que, realmente,

CAPÍTULO 15
Trabalhos de tiptologia

PERGUNTA: — Como se processa o trabalho das chamadas “mesas dançantes”, conhecido por Tiptologia?

RAMATÍS: — As comunicações mediúnicas pelo processo de tiptologia, ou seja através das mesas dançantes, são mais favoráveis quando entre os seus componentes se encontra algum médium de fenômenos físicos. Ele então auxilia o trabalho fornecendo os fluidos necessários para interpenetrarem os interstícios dos átomos etéricos do duplo invisível da mesinha, que se ajustam em perfeita conexão com os átomos e sistemas eletrônicos da sua estrutura material. Na falta de um médium adequado a esse gênero de trabalho, o seu maior sucesso e exatidão ficará dependendo da melhor harmonia dos fluidos de todas as pessoas participantes do trabalho, pois é a sintonia fluídica na mesma faixa vibratória que neutraliza a força gravitacional para os espíritos operarem livremente.

Então a mesa poderá mover-se em várias direções ou levantar-se, obedecendo ao comando mental e à vontade dos desencarnados, e os seus movimentos serão tão certos e positivos quanto o sejam também a qualidade e a natureza da massa ectoplásmica que for arregimentada pela afinidade entre os presentes. Só depois de decorrido o tempo necessário para a adaptação preliminar entre todos os componentes do trabalho, é que se efetua o intercâmbio satisfatório e compreensível com

Mediunismo

os desencarnados, por meio das batidas convencionadas em alfabeto, através dos toques da mesinha em movimento.

PERGUNTA: — É possível tratar-se de assuntos importantes e educativos através da tiptologia? Explicam-nos alguns confrades que a tiptologia é um trabalho mediúnico de baixa qualidade espiritual, em que só operam espíritos inferiores. Isso é verdade?

RAMATÍS: — O que determina a qualidade superior ou inferior de qualquer trabalho mediúnico não é o seu gênero de expressão, mas, acima de tudo, as condições morais e a natureza dos objetivos dos seus componentes. Não há dúvida de que a sintonia com os espíritos desencarnados também dependerá das intenções boas ou más dos encarnados. Assim como o vício do jogo não está nas cartas de jogar, mas naqueles que jogam com intenções subvertidas, a qualidade do trabalho tiptológico não reside particularmente no fato de se utilizar a mesinha, mas sim no conteúdo espiritual dos que a utilizam. Ela é apenas um meio, um instrumento convencional para ajustar os interesses e facultar as relações, como ponto de apoio, entre os vivos e os mortos. Em consequência, é um gênero mediúnico que também permite cuidar-se com ele de assuntos elevados, desde que seja praticado por criaturas mais interessadas na sua ascensão espiritual do que mesmo na solução dos problemas da vida material transitória. O que atrai os espíritos inferiores são os objetivos ou as intenções condenáveis, e não o tipo de comunicação mediúnica.

Quanto ao sucesso técnico da tiptologia, conforme já vos explicamos, depende mais propriamente da quantidade ou qualidade do amálgama de fluidos que se puder combinar entre os presentes. No entanto, o nível intelectual do trabalho, principalmente em seu início, fica adstrito à média da mentalidade de todos os seus componentes, pois suas idéias influem consciente ou inconscientemente na manifestação tiptológica. Essa fusão mental impede então a ação absolutamente independente dos espíritos desencarnados que ope-

As comunicações perversivas pela tiptologia

PERGUNTA: — Qual a manifestação mais característica dos espíritos perversos, quando se comunicam pela tiptologia?

RAMATÍS: — Os espíritos perversos, levianos e escarnecedores enleiam os encarnados com respostas incompletas e ditam frases tolas à conta de assuntos importantes. Algumas vezes obrigam os componentes do trabalho tiptológico a longas esperas e imobilizam a mesinha enquanto se riem à socapa da perplexidade e indecisão incomodativa que causa. Eles fazem escrever as mesmas palavras inúmeras vezes; produzem ditados paradoxais, compõem farsas históricas, revelações exóticas e predizem acontecimentos contraditórios. Um dos seus habituais prazeres é o de atiçarem a curiosidade dos assistentes, para depois deixá-los a meio caminho.

Os mais pervertidos aproveitam-se da incipiência, da leviandade ou do interesse vulgar dos presentes e, através da mesinha, compõem palavras e frases obscenas. Os mais cruéis transmitem falsos avisos de morte e semeiam a aflição entre os que os recepcionam, prevendo enfermidades atroz; para os doentes eles receitam remédios extravagantes e beberagens nocivas, à conta de sábias prescrições médicas.

Certas vezes induzem os seus admiradores às adorações idólatras e os incentivam na crença de parvoíces religiosas; doutra feita, recomendam o uso de talismãs ridículos, de insígnias tolas ou de orações misteriosas. Despreocupados

Ramatís

de qualquer conseqüência futura, eles fazem profecias levianas; asseguram excelentes promoções para os militares, predizem extraordinários sucessos políticos ou excelentes transações no comércio. Nenhum escrúpulo os detém, pois, conforme já vos explicamos nesta obra, quando lhes aparece o ensejo oportuno, indicam tesouros enterrados e traçam roteiros confusos para mortificarem aqueles que tolamente se lançam à aventura infrutífera.

PERGUNTA: — Em alguns trabalhos tiptológicos, conhecemos espíritos solícitos que atendiam aos interesses pessoais e solucionavam problemas que beneficiavam grandemente os seus consulentes. Qual o interesse deles nesse caso?

RAMATÍS: — Como não há regra sem exceção, mesmo no Além, às vezes existe o merecimento cármico da criatura para ser atendida diretamente nas suas solicitações triviais ou mesmo de interesse material. No entanto, afora esses casos acidentais, há que vigiar a intromissão de espíritos irresponsáveis, galhofeiros ou imprudentes que, completamente equivocados naquilo que ensinam, dispõem-se a orientar os seus consulentes levianos.

Não há dúvida de que a continuidade do intercâmbio mediúnico, para fins de proveito material, há de atrair para o ambiente os espíritos ociosos, petulantes e interesseiros, que ainda se apegam fanaticamente às tradições personalistas e às formas do mundo físico. Eles são solícitos, mas sem escrúpulos; cuidam de todas as tricas e quizilas da parentela consulente, enquanto também aceitam e sugerem qualquer incumbência que possa amolecer as fibras dos seus simpatizantes incautos. Não se recusam a atender às evocações assíduas que lhes fazem os interessados; colocam-se servidamente à disposição da família e dos seus amigos, opinando quanto ao dia favorável para se fazer a viagem de turismo, ou sobre a vizinha com quem convém interromper a amizade.

Habilmente evitam perder a simpatia daqueles que os consultam, e para isso só lhes ministram orientações agradá-

CAPÍTULO 17
Considerações sobre a vidência

PERGUNTA: — Entre um médium vidente intuitivo, que não “vê” propriamente os espíritos, mas apenas lhes recebe as impressões através da mente ou do perispírito, pressentindo-lhes os contornos, as vestes e a fisionomia, e outro cuja faculdade mediúmica permite-lhe ver diretamente no mundo astral, qual dos dois medianeiros é o mais eficiente, exato e seguro?

RAMATÍS: — Desnecessário é dizer-vos que não são os olhos carnis que vêem os fenômenos da vida do “lado de cá”, mas na realidade é o espírito que vê por dupla-vista, por cujo motivo os médiuns videntes tanto vêem com os olhos abertos como fechados, donde se conclui, conforme explica Allan Kardec, que o cego pode ver os espíritos¹.

Como o corpo físico e o sistema nervoso são o prolongamento vivo, enfim, o revelador de suas idéias e concepções para o mundo material, o êxito técnico da vidência indireta mental, ou astralina direta, depende principalmente da maior ou menor sensibilidade psíquica da criatura. No entanto, a sua segurança, exatidão e proveito, apesar disso, subordinam-se muitíssimo à graduação moral e espiritual do ser.

Muitos videntes famosos e dotados da dupla-vista focalizável diretamente no mundo astral não foram espíritos benfeitores, e o seu desenvolvimento mental, invulgar, não se harmonizava

1 — NOTA DO MÉDIUM: - Cap. XIV - “Livro dos Médiuns”: Tópico 167.

Mediunismo

com os seus sentimentos inferiores a serviço do mal.

Em qualquer manifestação mediúnica, é mais importante verificar-se a índole e a moral do médium, pois se ele é criatura viciada ou inescrupulosa, também vive ligado aos espíritos desencarnados da mesma estirpe espiritual inferior, por cujo motivo as suas revelações não possuem o mérito e as revelações espirituais proveitosas. Os espíritos das sombras vivem à espreita daqueles que podem oferecer-lhes a oportunidade da “ponte viva” mediúnica, ligando-os novamente com o mundo físico para desfrutarem as sensações torpes de que foram tolhidos pela perda do corpo carnal.

PERGUNTA: — Podeis nos dar algum exemplo de um médium de vidência astral incomum, mas subvertido quanto aos seus objetivos pessoais?

RAMATÍS: — Um dos exemplos mais convincentes é o caso de Rasputin, que, além de possuir outros poderes ocultos extraordinários, visualizava diretamente o mundo astral e entendia-se com os gênios das sombras. No entanto, ele aplicava para fins criminosos e inconfessáveis toda a fenomenologia mediúnica de que dispunha, sob o concurso da inspiração do Mal.

Assim, é bem mais útil e seguro o médium de vidência intuitiva que, por sua moral superior e os propósitos benfeitores que assumiu, permanece incessantemente ligado às entidades sublimes, pois, embora o seja indiretamente, ele vê somente aquilo que é sensato e proveitoso. É de pouca valia o médium de visão astralina avançada que, por viver na companhia dos espíritos diabólicos, faz relatos funestos, prediz perturbações e deforma a realidade espiritual, transformando sua faculdade em banca de negócio ou motivo de sensações inferiores.

Os espíritos delinqüentes e malfeitores procuram ligar-se aos videntes excepcionais mas de moral duvidosa, a fim de interferirem em suas faculdades e levá-los ao ridículo, às sandices ou atihar a intriga e a desconfiança entre os seus companheiros. O seu intuito é o de afastá-los o mais cedo

CAPÍTULO 18
Vidência ideoplástica

PERGUNTA: — Por que motivo entre os vários retratos que foram pintados mediunicamente sobre a vossa figura perispiritual, nenhum deles se parece estritamente convosco? O vosso sensitivo explica-nos que sois amorenado, olhos oblíquos e que não tendes o aspecto adolescente de um jovem de quinze anos, como vos pintaram. Também apresentais uma fisionomia expressivamente ocidentalizada, quando, na realidade, sois um tipo oriental descendente de indu e chinesa. Diz o médium que a maior semelhança entre vós e os retratos mediúnicos pintados reside somente no tipo das vestes, do turbante e das cores de vossa aura. Que dizeis?

RAMATÍS: — As diferenças comumente existentes entre a verdadeira configuração perispiritual dos desencarnados e as pinturas mediúnicas resultam mais propriamente dos efeitos imprecisos e muito comuns dos fenômenos de ideoplastia. As idéias e os pensamentos produzem ondas e radiações que, por sua vez, devem formar imagens daquilo em que se pensa. No entanto, como as nossas são configuradas no plano da 4.^a dimensão, nem sempre se ajustam com exatidão às formas tridimensionais da visão carnal.

Assim, é muito difícil para os encarnados obter uma fotografia perfeita e exata das idéias ou das imagens que projetamos do Além sobre a mente dos médiuns intuitivos, videntes ou desenhistas. Mesmo quanto à exatidão das

Ramatís

comunicações faladas ou psicografadas dos nossos pensamentos, ainda são raros os médiuns intuitivos que apanham a realidade intrínseca do assunto que desejaríamos transferir para o conhecimento do mundo material.

Em comparação com a freqüência retardada dos acontecimentos do mundo material, ainda é muito grande o aceleramento ou a fuga vibratória dos fenômenos que se sucedem no mundo astral, do que resulta considerável desajuste no mesmo tempo da ocorrência. Como ilustração concreta dos nossos dizeres, basta dizer que o nosso médium, neste momento, mobiliza toda a sua capacidade psíquica para captar com êxito as idéias que formulamos do “lado de cá” e, no entanto, não consegue transferir fielmente para a matéria o assunto que sente na intimidade de sua alma. Servindo-nos de rude exemplo, diríamos que, enquanto emitimos um “tonel” de pensamentos, o nosso médium só consegue captar em seu equipo físico a quantidade pensada que simbolicamente só caberia num “copo”.

PERGUNTA: — Poderíeis esclarecer-nos melhor o motivo dessa contradição entre o original-espírito e a cópia retratada mediunicamente?

RAMATÍS: — Os retratos pintados mediunicamente, que não reproduzem fielmente a configuração perispiritual ou a fisionomia dos desencarnados, ressentem-se geralmente de três dificuldades características. Às vezes, o médium desenhista, quando retrata o espírito desencarnado, apenas sente-lhe a vibração à distância e o confunde com a imagem que ele “vê” mentalmente no momento em que desenha. Noutros casos, as pessoas presentes ao trabalho mediúnico pensam fortemente em determinado espírito de sua simpatia, e o médium desenhista, então, confecciona o retrato conforme a figura que ele sente projetada na cortina astral, ignorando que se trata unicamente de imagem que foi pensada por um encarnado naquele instante. Sem dúvida, a pintura então será tão perfeita ou imperfeita quanto for a capacidade e a fidelidade de quem a pensar. Finalmente, a maioria dos casos de imperfei-

Algumas observações sobre animismo

PERGUNTA: — Que devemos entender por animismo, no tocante às comunicações mediúnicas da seara espírita?

RAMATÍS: — Animismo, conforme explica o dicionário do vosso mundo, é o “sistema fisiológico que considera a alma como a causa primária de todos os fatos intelectivos e vitais”.

O fenômeno anímico, portanto, na esfera de atividades espíritas, significa a intervenção da própria personalidade do médium nas comunicações dos espíritos desencarnados, quando ele impõe nelas algo de si mesmo à conta de mensagens transmitidas do Além-Túmulo. Assim, quando os afeccionados do Espiritismo afirmam que determinada comunicação mediúnica foi “puro-animismo” querem explicar que a alma do médium ali interveio com exclusividade, tendo ele manifestado apenas os seus próprios conhecimentos e conceitos pessoais, embora depois os rotulasse com o nome de algum espírito desencarnado.

Essa interferência anímica inconsciente, por vezes, é tão sutil, que o médium é incapaz de perceber quando o seu pensamento intervém ou quando é o espírito comunicante que transmite suas idéias pelo contato perispiritual.

PERGUNTA: — Porventura não considerais o animismo um percalço indesejável nas comunicações espíritas?

RAMATÍS: — Servindo-nos dos médiuns da Terra, cur-

Mediunismo

vamo-nos imensamente gratos ao Pai pelo ensejo de poder-mos inspirá-los em favor da ventura, do bem e da alegria dos seres humanos. Por isso não desprezamos a oportunidade dos médiuns anímicos quando eles nos interpretam a seu modo pessoal, desde que conservem a idéia central e autêntica daquilo que lhes incutimos na alma.

PERGUNTA: — Então a comunicação do médium completamente anímico não passa de mistificação inconsciente; não é assim?

RAMATÍS: — Quando o médium não tem o intuito de enganar os que o ouvem, não podeis admitir a mistificação inconsciente. A comunicação anímica é decorrente da falsa suposição íntima de a criatura julgar-se atuada por espíritos, por cujo motivo transmite equivocadamente suas próprias idéias. A mistificação, no entanto, é fruto da má intenção.

PERGUNTA: — No conceito da mediunidade, o médium anímico tem algum valor positivo?

RAMATÍS: — A criatura anímica, quando em transe, pode revelar também o seu temperamento psicológico, as suas alegrias ou aflições, suas manhas ou venturas, seus sonhos ou derrotas. Desde que essa manifestação anímica, à guisa de mediunidade, se manifeste pelo transe conturbado e assinalada por cenas dolorosas, fatos trágicos ou detestáveis, então trata-se de médium desajustado ou doente, que necessita mais de amparo e orientação espiritual, para dominar as impressões mórbidas do subconsciente, do que mesmo de desenvolvimento mediúnico. Algumas vezes ele transmite animicamente os fatos mórbidos que o impressionaram na infância ou mesmo as cenas trágicas vividas na existência pregressa, como se fossem a história de espíritos infelizes desencarnados. As emersões freudianas da terminologia psicanalítica também são responsáveis por algumas dessas supostas manifestações intempestivas e conturbadas, em que os médiuns excessivamente anímicos e sugestionáveis pressupõem manifestações do Além-Túmulo.

O aproveitamento anímico nas comunicações mediúnicas

PERGUNTA: — Sob vossa opinião, como encarais o problema angustioso de todo médium em desenvolvimento, qual seja o animismo?

RAMATÍS: — Naturalmente não pretendemos endossar os abusos de imaginação, os exotismos e as excentricidades dos médiuns avessos ao estudo, presunçosos, interesseiros ou exibicionistas. Reconhecemos, no entanto, a interferência ou associação de idéias no médium consciente, porque no seu esforço para lograr a passividade no transe, ele toma o conteúdo de sua alma como sendo manifestação alheia. Nem todos abusam do animismo sob propósitos condenáveis ou para fins vaidosos, por cujo motivo não aconselhamos a desistência do desenvolvimento mediúnico, só porque a interferência do médium perturba a transparência cristalina das comunicações dos espíritos desencarnados.

Se o virtuosismo do músico tem início no solfejo da singela escala musical “dó-ré-mi”, a eloqüência do orador requer fundamento do “a b c” e o estro do poeta firma sua principal base no balbuciar da palavra infantil, certamente que o êxito mediúnico também se apóia inicialmente nos percalços do animismo.

PERGUNTA: — Alguns médiuns experientes e com vários anos de serviço junto à seara espírita ainda alimen-

Mediunismo

tam duas vidas a respeito de suas comunicações mediúnicas, certos de que tudo aquilo que transmitem é apenas de sua própria alma. Os mais escrupulosos alimentam desejos de abandonar a tarefa mediúnica, a fim de não iludirem o público com pseudas comunicações que nada têm a ver com espíritos desencarnados. Que nos dizeis?

RAMATIS: — O médium não é boneco vivo, insensível e de manejo mecânico, mas sim uma organização ativa com vocabulário próprio e conhecimentos pessoais adquiridos pela sua experiência e cultura humana. Além de tudo, é alma guardando em sua memória forjada nas existências pregressas a síntese dos seus esforços para a ascese espiritual. E quando se trata de médiuns conscientes ou semiconscientes, só lhes resta a tarefa de vestir e ajustar honesta e sinceramente as idéias e as frases que melhor correspondem ao pensamento que lhes é manifesto pelos espíritos desencarnados através do seu contato perispiritual. Deste modo, os comunicantes ficam circunscritos quase que totalmente à vontade e às diretrizes intelectuais e emotivas do seu intérprete encarnado, o qual fiscaliza, observa e até modifica conscientemente aquilo que foi incumbido de dizer. Lembra o mensageiro terrestre que ouve o recado para transmitir verbalmente a outrem, mas na hora de cumprir sua tarefa tem de usar de suas próprias palavras para comunicá-lo. No caso, tanto o mensageiro como o médium são intérpretes do pensamento alheio e por isso influem com o seu temperamento, engenho e cultura nas mensagens que traduzem, resultando disso os textos lacônicos ou prolixos, precisos ou truncados.

Só o médium com propósitos condenáveis é que poderia ter remorsos de sua interferência anímica, pois nesse caso tratar-se-ia realmente de uma burla à conta de mediunismo. Não é passível de censura aquele que impregna as mensagens dos espíritos com forte dose de sua personalidade, mas o faz sem poder dominar o fenômeno ou mesmo distingui-lo da realidade mediúnica. É tão sutil a linha divisória entre o mundo espiritual e a matéria, que a maioria dos médiuns conscientes e bisonhos dificilmente logra perceber quando predomina o pensamento do desencarnado ou quando se

A influência anímica na abertura dos trabalhos mediúnicos

PERGUNTA: — Que dizeis dos médiuns que sempre iniciam os seus trabalhos mediúnicos usando fórmulas ou palavreado particular, espécie de prefixos sem qualquer sentido doutrinário e vazios de significação, tais como estas frases: “fiquem convosco as bênçãos das infinitas alturas”, “baixem as luzes dos pés de Deus sobre vós”, “que a bandeira branca coroe vossas cabeças” ou “o manto da humildade se desfolhe sobre vossos ombros”? Trata-se de convenções particulares dos espíritos comunicantes, ou apenas de fruto do animismo dos médiuns?

RAMATÍS: — Isso é mais comum entre os candidatos a médiuns, em desenvolvimento mediúnico, ou próprio daqueles que se cristalizaram num mediunismo improdutivo. Certos vícios anímicos propagam-se por vários médiuns, que na fase do seu desenvolvimento os copiaram do médium principal da instituição espírita onde iniciaram seus primeiros passos para o despertar de sua faculdade. Trata-se, neste caso, de um animismo coletivo, próprio de determinados trabalhos espíritas doutrinários ou mediúnicos ainda incipientes.

Quando os candidatos a médiuns têm a sorte de se colocar sob a direção de outros médiuns estudiosos, sensatos e avessos às fórmulas, aos símbolos, às chaves ou ao fraseado pomposo, eles também desenvolvem sua faculdade sem as

Ramatís

excrescências anímicas que tanto obscurecem ou ridicularizam a prática mediúnica. Há médiuns que, devido ao estudo incessante das obras espíritas e indagações esclarecedoras, progridem tão rapidamente no primeiro ano do seu exercício mediúnico, que ultrapassam em conhecimentos e experiências aquilo que os seus companheiros comodistas, preguiçosos, displicentes ou sectaristas não conseguem em 20 anos de trabalho. Estes últimos vivem repetindo as comunicações fastidiosas tantas vezes repisadas, usando dos velhos chavões e da eloquência sentenciosa de sempre, enquanto permanece vazio de qualquer proveito espiritual o conteúdo do que transmitem.

Pensando que o desenvolvimento mediúnico se resume na exclusiva operação de “receber” espíritos desencarnados, eles se habituaem à mesma chapa mediúnica usada há vários anos, enquanto se cristalizam num animismo improdutivo, que impede os guias de expor qualquer assunto novo aos encarnados, pela impossibilidade de atravessarem o paredão granítico de um condicionamento tão pobre de recursos intelectivos e de conhecimentos espirituais.

Daí o caso desses longos fraseados sem sentido lógico, que os médiuns repetem de modo lacrimoso ou sob afetada eloquência quando abrem os trabalhos espíritas. Tal como acontece nos demais setores da vida humana, os “calouros” sempre imitam os veteranos, coisa que também é justificável no ambiente espírico. Os candidatos a médium e os neófitos do ambiente espírita raramente conhecem as obras de Allan Kardec, Leon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Paulo Gibier, Dale Owen, William Crookes, César Lombroso, Albert de Rochas, Aksakoff e outros aos quais seria extenso reportarmo-nos, mas suficientes para os esclarecerem de modo a se extirparem os ridículos, as trivialidades e as manifestações mediúnicas que contrariam o bom senso. Em conseqüência, aos displicentes só lhes resta seguir ao pé da letra tudo aquilo que observam no médium desenvolvido e instrumento do guia diretor dos trabalhos do Centro Espírita. Em face do “tabu” inescrutável, espécie de dogma espí-

A sugestão e a imaginação nas comunicações mediúnicas

PERGUNTA: — Gostaríamos que nos explicásseis o caso de certas comunicações transmitidas até por médiuns bem desembaraçados, de espíritos desencarnados em homicídios, acidentes trágicos ou suicídios, cujas mortes mais tarde são desmentidas. Certo amigo nosso foi dado por morto em acidente rodoviário ocorrido num Estado vizinho e, na mesma noite, no centro espírita de nossa freqüência, ele comunicou-se aflito e perturbado, queixando-se de muitas dores. Entretanto, para decepção e espanto geral, dias depois ele retornou ao lar, pois a vítima do acidente fora um seu homônimo. Que dizeis sobre isso?

RAMATÍS: — O animismo explica-vos muito bem esses casos contraditórios e decepcionantes, principalmente se o médium é muito sugestionável em sua vida profana, a ponto de estigmatizar com facilidade, na sua mente indisciplinada, a notícia trágica do jornal do dia sem cogitar se ela pode ser verídica ou duvidosa. Quando não se trata de algum divertimento de espíritos levianos ou maquiavélicos, que tudo fazem para ridicularizar o trabalho mediúnico, é a imaginação exaltada do médium, que trabalha completamente desgovernado e tece os quadros dramáticos do que ele supõe tenha ocorrido à vítima. Então, à noite, na sessão mediúnica, as imagens nutridas pela sugestão dominam a mente do médium, fazendo-o descrevê-las à guisa de acontecimentos verídicos.

Ramatís

PERGUNTA: — Deveríamos censurar ou afastar o médium que se deixa sugestionar tão facilmente, de modo a causar prejuízos à contextura doutrinária do Espiritismo?

RAMATÍS: — Em qualquer situação da vida, ainda é a recomendação de Jesus, “Não julgueis para não serdes julgados”, que deve orientar nossas apreciações sobre os atos do próximo. É evidente que, se o médium demasiadamente sugestionável tivesse certeza do fato desastroso que ocorre consigo, não o contaria, semeando o seu próprio ridículo. Não existindo dolo, por não haver propósitos censuráveis, o dever dos espíritas esclarecidos é nortear o médium desgovernado para exercer o serviço mediúnico com o máximo de critério, evitando causar o desânimo e a decepção aos que o ouvem.

O êxito das comunicações intuitivas mediúnicas depende principalmente da maior passividade do médium intuitivo. No entanto, nesse estado neutro o seu psiquismo tende muitíssimo ao estado de auto-hipnose, em cuja fase é bem fácil a sugestão e o domínio das idéias que foram alimentadas durante o dia. Há casos em que sensitivos de pouco controle mental chegam a transmitir, à conta de mensagens de espíritos desencarnados, as idéias e os pensamentos de algum freqüentador do trabalho mentalmente desenvolvido. Outros são facilmente dominados pela “empatia”, ou seja a capacidade da criatura em colocar-se no lugar de outrem e viver-lhe as dores ou vicissitudes. E os mais sugestionáveis passam então a materializar, à noite, no centro espírita, aquilo que durante o dia mais os impressionou.

Raros médiuns sabem controlar os avançados recursos de sua imaginação, de modo a aproveitá-los para dinamizar as idéias que os espíritos lhes transmitem, pois, em geral, confundem as imagens virtuais do seu pensamento, supondo-as como de entidades concretas e fora do corpo físico. A ausência de estudo e a falta de autocrítica leva grande número de medianeiros a confundir a realidade com a fantasia.

PERGUNTA: — Quais são os recursos ou as providências mais aconselháveis para ajudar esses tipos de médiuns

O espírita e o bom humor

PERGUNTA: — Que dizeis dessas comunicações soturnas, algo fúnebres, de espíritos guias ou benfeitores, que deixam o público espírita algo constrangido pelo aspecto lúgubre com que se manifestam? Dever-se-ia atribuir tal comportamento habitual aos próprios comunicantes que, depois de desencarnados, modificam completamente o seu temperamento psicológico devido à responsabilidade da vida espiritual? Alguns espíritos chegam a pronunciar suas palavras de modo quase espasmódico, entre frases que mais parecem soluços e gemidos.

RAMATÍS: — Em geral, os médiuns novatos e ainda ignorantes da realidade da vida do espírito pressupõem que a morte é um ato de magia ou passe miraculoso, que modifica instantaneamente o conteúdo psicológico e o estado moral dos desencarnados. Embora comprovem que por eles se comunicam almas felizes e libertas de preconceitos terrenos, ainda nos configuram de modo lúgubre, pois acima de tudo somos almas dos “mortos”! Em face da idéia fúnebre que ainda se tem na Terra, com relação à vida além da sepultura, os desencarnados são transformados em figuras empertigadas e sentenciosas, que se movem num céu dominado por profundo silêncio sepulcral. Os “vivos” julgam-nos situados em dois extremos opostos; somos anjos estáticos em eterna contemplação da obra do Senhor, ou então fantasmas melo-

Mediunismo

dramáticos, gélidos e tétricos. Depois da morte do corpo físico, dizem eles, os espíritos devem ser sisudos, graves e compungidos, cujos lábios só se entreabrem para censurar as volubilidades e os pecados dos homens.

Difícilmente os encarnados podem imaginar que, além do túmulo e nas regiões felizes, ainda permanecem o riso farto, a jovialidade e a despreocupação das almas angélicas libertas dos complexos e recalques humanos, cujo sentimento puro e inocência de intenções justificam a divina máxima de Jesus, quando exclamava: “Vinde a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus”.

Os pessimistas da moradia terrena não podem admitir que os “mortos” possam desempenhar atividades laboriosas e a tudo contagiar com sua alegria, seu trabalho e otimismo. Mas a verdade é que as colônias espirituais venturosas que circundam o orbe terráqueo, conforme já vos tem sido notificado, são colméias de almas afeitas ao humorismo sadio, à graça e à jovialidade dos intercâmbios afetivos ligados ao bem e à utilidade espiritual. Se a morte não transforma as almas em arcanjos lírios purificados à última hora, ela também não extingue as preferências boas ou más que tenham sido esposadas na Terra.

É certo que nas camadas densas do astral inferior verifica-se situação oposta. Ali, os calcetas das sombras transitam ululando seus remorsos ou enlouquecidos pelos sofrimentos atrozes, enquanto os mais revoltados ainda estrugem ameaças contra os seus comparsas do passado. O gemido lúgubre, a dor insana, a gargalhada sinistra e os brados de desespero e terror são a antítese da alegria e da ventura que domina as almas habitantes das esferas superiores. Mas essas almas infelizes, quando se comunicam com a Terra, nada podem fazer além dos apelos angustiosos ou das revoltas indomáveis, porque assim elas são no submundo onde habitam.

Mas os guias que vos visitam das regiões de paz e de luz não devem ser levados à conta de fantasmas suspirosos ou almas carrancudas, tristes e severas, cuja presença nas sessões espíritas, em vez de desanuviar o ambiente, torna-o

A telepatia e as comunicações mediúnicas

PERGUNTA: — Certos críticos afirmam que os médiuns são apenas telepatas passivos, pois as comunicações de espíritos desencarnados não passam de transmissão de pensamentos dos próprios vivos que freqüentam as sessões mediúnicas. A seu ver, os médiuns são criaturas muito sensíveis à recepção das ondas “ultra-microcurtas” emitidas pelos cérebros dos encarnados, o que os leva a crerem-se intermediários das almas do Além-Túmulo. Há fundamento nessa explicação?

RAMATÍS: — Não discordamos quanto à possibilidade de os fenômenos telepáticos intervirem na prática mediúnica, mas isso não prova que os médiuns sejam unicamente transmissores de pensamentos dos freqüentadores de sessões espíritas. A mediunidade exclusivamente inspirativa é, em verdade, efetuada pelo processo de comunicação telepática. E por isso, é necessário distinguir se são dois espíritos encarnados a se comunicarem entre si, pela transmissão do seu pensamento, ou se se trata de espíritos desencarnados que projetam o seu pensamento sobre o médium.

Na telepatia processada exclusivamente entre os encarnados, uma vontade ativa transmite os seus pensamentos a outra vontade deliberadamente passiva, o que se constitui num processo de transmissão mental diretamente de encarnado para encarnado. Mas, no caso da comunicação mediú-

Mediunismo

nica telepática, além de o médium deixar-se “inspirar” por outro espírito desencarnado, ele também assenhoreia-se dos seus problemas venturosos ou aflitivos, assim como, às vezes, recepciona mensagem espiritual educativa que ultrapassa o seu entendimento ou concepção comum que tem da vida.

Na telepatia, um cérebro ativo envia ondas concêntricas que são captadas por outro cérebro receptor passivo, porque ambos sintonizam-se à mesma faixa vibratória de transmissão mental. No entanto, a comunicação mediúnica efetua-se pelo “ajuste perispiritual” entre o espírito do médium e o desencarnado, em que o primeiro recebe diretamente a mensagem que deve transferir para o mundo material.

PERGUNTA: — Então há possibilidade de o médium recepcionar telepaticamente o pensamento do público, para depois reproduzi-lo verbalmente, certo de ser comunicação de espíritos desencarnados?

RAMATÍS: — A transmissão telepática pode ocorrer em qualquer lugar, bastando que para isso existam circunstâncias favoráveis e dois cérebros apropriados ao fenômeno, em que um transmite e outro recepciona os pensamentos. Aliás, desde que o médium precisa entregar-se a um estado de passividade para receber os pensamentos dos desencarnados, não é difícil que ele também capte alguns pensamentos dos encarnados que fazem parte do seu ambiente de trabalho. É o caso da telepatia acidental, com a recepção de idéias soltas e sem concatenação, que interferem na comunicação mediúnica, embora sem modificá-la, pois não se produzem pela vontade deliberada de quem as emite.

No caso de pura telepatia entre os encarnados, o fenômeno é subordinado exclusivamente aos acontecimentos do mundo físico, enquanto que, no intercâmbio telepático inspirativo com os espíritos desencarnados, os médiuns captam notícias inéditas do Além, fazem previsões acertadas e muitas vezes expõem assuntos que, além de transcender aos seus próprios conhecimentos, ainda ultrapassam a concepção

O problema da mistificação

PERGUNTA: — Todos os médiuns podem ser mistificados?

RAMATÍS: — A mistificação mediúnica ainda é problema que requer minucioso estudo e análise isentos de qualquer premeditação pessoal, porquanto nela intervém inúmeros fatores desconhecidos aos próprios médiuns que são vítimas desse fenômeno. A Terra ainda é um planeta em fase de ajuste geológico e de consolidação física; a sua instabilidade material é profundamente correlata à própria instabilidade espiritual de sua humanidade. Em conseqüência, ainda não podeis exigir o êxito absoluto no intercâmbio mediúnico entre os “vivos” e os “mortos”, pois que depende muitíssimo do melhor entendimento evangélico que se puder manter nessas relações espirituais. Só os médiuns absolutamente credenciados no serviço do Bem, e assim garantidos pela sua sintonia à faixa vibratória espiritual de Jesus, é que realmente poderão superar qualquer tentativa de mistificação partida do Além-Túmulo. Na verdade, os agentes das sombras não conseguem interferir entre aqueles que não se descuidam de sua conduta espiritual e se ligam às tarefas de socorro e libertação dos seus irmãos encarnados.

PERGUNTA: — A mistificação que pode dar-se com o médium significa porventura descuido ou indiferença dos seus guias espirituais?

Ramatís

RAMATÍS: — Ela é fruto de circunstâncias naturais criadas pelo mediano, ou do descuido daqueles que ainda imaginam a sessão espírita como um espetáculo para impressionar o público. O Espírito mistificador sempre aproveita o estado de alma, a ingenuidade ou a vaidade do médium para então mistificar. No entanto, podemos vos assegurar que a mistificação não acontece à revelia dos mentores do médium, embora eles não possam ou não devam intervir, tudo fazendo para que os seus intérpretes redobrem a vigilância e acuidade psíquica, a fim de se fortalecerem para o futuro.

Na verdade, a maioria das mistificações deve-se mais ao amor próprio exagerado, à preguiça mental, e também ao excesso de confiança dos médiuns no intercâmbio tão complexo e manhoso com o plano invisível, em que se abandonam displicentemente à prática de sua faculdade mediúnica.

PERGUNTA: — Baseando-nos em vossas palavras, presumimos que a maioria dos médiuns pode ser mistificada; não é assim? Alguns confrades espíritas explicam-nos que a mistificação, em certos casos, tem por objetivo principal extinguir a vaidade do próprio médium. Há fundamento em tal afirmação?

RAMATÍS: — Os mentores de alta estirpe espiritual nunca promovem qualquer acontecimento deliberado de mistificação mediúnica; e não o fariam mesmo que pudesse servir de advertência educativa para o médium vaidoso. O próprio médium é que oferece ensejo para a perturbação ou a presença indesejável no seu trabalho. Algumas vezes a base da mistificação é cármica, e por isso o médium não consegue livrar-se dos adversários pregressos, que o importunam a todo momento, procurando mistificá-lo de qualquer modo e dificultar-lhe a recuperação espiritual na tarefa árdua da mediunidade.

Não cremos que a vaidade dos médiuns desapareça só porque sejam vítimas da mistificação corretiva. Em geral, quando eles comprovam que foram iludidos pelos desencarnados, sentem-se profundamente feridos no seu amor-próprio e então se revoltam contra a sua própria faculdade mediúnica. E

CAPÍTULO 26

As comunicações dos espíritos
sobre tesouros enterrados

PERGUNTA: — Que dizeis de certos espíritos que, tanto nas sessões de mesas como em terreiros de Umbanda, costumam indicar locais onde foram enterrados tesouros por piratas, jesuítas ou aventureiros? Em geral, eles explicam que certa parte do que for descoberto pode ser empregada em obras de beneficência, aliviando-se assim os infelizes que estão presos magneticamente ao local onde enterraram os tesouros.

RAMATÍS: — Às criaturas que freneticamente se põem a procurar tesouros indicados por alguns espíritos desencarnados, recomendamos de princípio a advertência de Jesus, quando assim se exprimia: “Não acumuleis tesouros na Terra onde a ferrugem e os vermes os consomem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os consomem, porquanto onde está o vosso tesouro, aí também está o vosso coração. (Mateus, 6: 19)”.

Quanto às entidades que nas sessões mediúnicas indicam tesouros enterrados, na maioria das vezes trata-se de espíritos brincalhões, zombeteiros e irresponsáveis, que abusam da ingenuidade humana propondo empreitadas que excitam a cobiça. Eles não guardam escrúpulos e, por isso, causam as maiores decepções, induzindo os encarnados a empreenderem os mais exaustivos esforços físicos na abertura de túneis, em escavações em terrenos pedregosos e difí-

Ramatís

ceis, para encontrarem os supostos tesouros, enquanto riem e gozam desbragadamente dos que se deixam fascinar pela avidez da fortuna fácil.

No entanto, as almas que realmente enterraram jóias, moedas ou demais valores, e que por isso sofrem aprisionadas à lembrança das coisas em que imprudentemente fixaram o seu ideal, raramente estão em condições de poder elucidar os encarnados quanto ao local em que elas se encontram, pois, além de angustiadas pelas vibrações de cupidez e avareza que movimentaram no mundo físico, encontram-se desorientadas sob o guante dos fluidos mórbidos do astral inferior.

PERGUNTA: — Mas não seria um empreendimento caridoso desenterrarem-se os tesouros que ainda aprisionam as almas imprudentes sob atroz sofrimento? Desde que os valores ocultos fossem aplicados em obras filantrópicas, porventura isso não poderia melhorar a situação espiritual dos espíritos infelizes que tolamente os esconderam?

RAMATÍS: — Mesmo que os ex-donos desses tesouros pudessem indicar os locais em que foram ocultados, nem por isso se poderia extrair deles a avareza, a rapacidade ou a cupidez ainda existentes no seu coração, fruto do profundo egoísmo de haverem pensado exclusivamente em si. Quer estejam ligadas aos seus tesouros enterrados, ou deles sejam afastadas, essas almas continuarão a sofrer em si mesmas os efeitos da causa mórbida que as levou a ocultar valores de circulação no mundo material. Sob a lei benfeitora e justa do Carma, aqueles que movimentam forças magnéticas, tocados pela cupidez e avareza, no enterramento egoísta de bens, deverão sofrer-lhes o efeito coercivo até à sua completa dissolvência.

PERGUNTA: — Poderíamos supor que esse aprisionamento do espírito junto aos valores enterrados é imantação magnética fruto de um ato de magia; não é assim?

RAMATÍS: — Esses espíritos não ficam imantados magneticamente aos objetos ou tesouros enterrados devido

Considerações sobre a castidade por parte dos médiuns

PERGUNTA: — A continência sexual, por parte do médium que presta serviço aos espíritos superiores, ajuda-o a melhorar o seu desempenho mediúnicos? Isso apura-lhe o psiquismo e o favorece para o melhor intercâmbio vibratório com os seus comunicantes?

RAMATÍS: — É de senso comum que Deus não estatuiu o ato sexual como uma prática deprimente e capaz de rebai-xar o ser humano quando precisa cumprir os seus deveres procriativos. É função técnica importantíssima para a conti-nuidade da vida física nos orbes planetários, ensejando o aca-salamento das forças criadoras do mundo espiritual com as energias instintivas do mundo da carne. Não é função impu-rra ou censurável, quando desempenhada com esse objetivo nobre. Constitui-se, pois, no processo prodigioso que mate-rializa e plasma na face do planeta a vida em todas as suas manifestações animais, ensejando a instrumentação de que o espírito necessita para apurar o seu raciocínio e entendimen-to espiritual. Não há dúvida de que o mais certo, perante as leis de alta espiritualidade, seria a relação sexual exercida somente em função procriadora, nas épocas devidamente apropriadas para o êxito da nova vida.

No entanto, o temperamento instintivo dos homens terre-nos, ainda instável no limiar da vida animal e do mundo angélico, acicata-os à procura de gozos às vezes insaciáveis e

Ramatís

os escraviza às paixões violentas, transformando o ato sexual numa fonte contínua de prazeres que retarda a ventura espiritual. O comportamento sexual do homem terreno ainda é muito aberrativo e desatinado, em face de sua incapacidade para governar o seu instinto animal inferior, mormente se se levar em conta que o animal, entidade primitiva, é um fiel seguidor das leis da procriação. Narra-vos a história o paradoxo de espíritos lúcidos, geniais e boníssimos, que desceram ao nível mais degradante da escala sexual, sem poder dominar a força primitiva do instinto animal desgovernado.

Mas não se pode condená-los por isso, pois mesmo as almas com certa prevalência espiritual sobre o físico, na sua atividade incomum na propagação dos valores superiores, por vezes são apanhadas de surpresa pela força inflamante da carne, que já supunham superada. Mesmo para o santo descido das alturas do Paraíso, Jesus lançou a sua imorredoura recomendação: “Orai e Vigiai”. Embora os vícios ou as paixões residam na própria alma e se projetem no cenário físico através da carne, a vida exige que o espírito comande a matéria, em cujo trabalho nem sempre consegue lograr o êxito espiritual desejado. Algumas almas de grau superior perturbam-se no trato com o potencial vigoroso das forças sexuais, embora depois sofram terrivelmente em sua consciência já desperta e se mostrem desapontadas para consigo mesmas. Lembram a hipótese de um homem que, vestindo um traje branco e precisando descer à mina de carvão, contamina-se pelo pó de carvão toda vez que se descuida.

Alguns espíritos benfeitores e regrados, quando do seu retorno às esferas paradisíacas, curtem a dor veemente do seu comportamento sexual contraditório no mundo físico. Embora se tenham devotado a todas as formas do Bem, não puderam controlar os ascendentes biológicos que os impeliavam à satisfação sexual desatinada. Em face do seu grau sideral, e devido ao sincero exame crítico de suas próprias consciências, tiveram de reconhecer a sua debilidade no trato aberrativo da prática sexual no mundo físico.

No entanto, ser-lhes-ia ainda mais prejudicial o falso

Aspectos psicológicos das encarnações de apóstolos e líderes do cristianismo

PERGUNTA: — Que dizeis sobre certos médiuns ou confrades espíritas que se acreditam a reencarnação de apóstolos ou destacados líderes do Cristianismo?

RAMATÍS: — Não é impossível a hipótese de alguns apóstolos ou discípulos de Jesus encontrarem-se encarnados no Brasil. Não há dúvida de que muitos seguidores e contemporâneos de Jesus regressam mais tarde à carne, a fim de fazerem brotar as sementes cristãs lançadas há dois mil anos. Alguns deles assim o fizeram para conseguir melhor graduação espiritual, pois não houve o milagre de se verem transformados instantaneamente em seres angélicos, apenas porque conviveram à sombra do Sublime Rabi. Frequentando novamente a escola terrena, é evidente que eles também assumiram outras configurações humanas e viveram personalidades e raças diferentes daquelas com que a história sagrada os consagrou no advento do Cristianismo.

Malgrado tivessem sido outrora os apóstolos Thiago, Bartolomeu, Simão, Felipe, João ou André, mais tarde tiveram de retornar à Terra assumindo posições de realce ou de serviço humilde e anônimo no vosso mundo. Sob outros nomes, algumas vezes destacaram-se no cenário material em serviço redentor, tal como lhes aconteceu na Judéia sob a orientação do Divino Amigo. Mas muitas vezes só o mundo espiritual chegou a conhecer-lhes a obra meritória e louvou-

Ramatís

lhes o devotamento ao Bem. Alguns em novas encarnações talvez se chamaram José, Giácomo, Estanislau, Hanz, Jack Ahmed ou Jean, vivendo personalidades humanas de some-nos importância para o mundo, mas de profunda influência na transformação dos seus próprios espíritos. Que importa a configuração provisória da personalidade terrena no mundo físico, quando só o conteúdo espiritual definitivo é que diploma o ser para as glórias da vida angélica?

PERGUNTA: — No entanto, conhecemos bons trabalhadores espíritas que intimamente acreditam ter sido alguma dessas personalidades históricas do Cristianismo, mas que estão certos de não terem habitado a Terra depois de sua última existência apostolar. Que dizeis?

RAMATÍS: — É certo que na área da experimentação espírita ainda enxameiam as reencarnações de Marcos, João, Mateus, Felipe, Thiago, Lucas, João Batista ou Paulo de Tarso, assim como as de Verônica, Martha, Maria Magdalenana etc., que se sentem investidos de novas tarefas messiânicas na revivescência do Cristianismo. Muitos deles vivem inquietos e ansiosos, aguardando o momento sublime em que a “luz súbita” deverá eclodir-lhes no espírito e lançá-los pelo mundo em defesa dos postulados de Jesus. Pedro, o apóstolo, Paulo de Tarso ou João Batista, que se supõem reencarnados na atualidade, também se esforçam para não traír a mesma índole, o mesmo temperamento e a contextura psicológica com que a história sagrada os pôs em evidência no passado.

Assim, embora vivendo outras personalidades emolduradas no século atômico, os novos Pedros reencarnados também são sizudos, os Paulo de Tarso são dinâmicos e amigos das “epístolas”, tentando as peregrinações exaustivas para sustentar o alicerce do novo movimento salvacionista. As novas cópias de João Batista, o precursor do Mestre, guardam a mesma severidade de outrora e anatematizam os pecados do mundo moderno, tal como o fazia esse grande e austero espírito.

A função dos guias e as obrigações dos médiuns

PERGUNTA: — Alguns médiuns com os quais temos tido contato em vários Estados do país deixaram transparecer-nos que são missionários em tarefa sacrificial a favor do progresso da humanidade. Alguns deles queixaram-se do mundo adverso da Terra, onde se sentem desajustados, mas precisam desempenhar o seu serviço messiânico. Que dizeis disso?

RAMATÍS: — Os médiuns, em sua generalidade, são criaturas portadoras de grandes débitos do passado. Em vidas pregressas abusaram do poder e da influência magnética sobre os encarnados, servindo-se de sua inteligência avançada para concretizar empreendimentos mercenários e quase sempre de absoluto interesse pessoal. Muitos fugiram aos compromissos assumidos para com o povo ou despenharam-se nos abismos da vaidade, do orgulho ou da vingança impiedosa.

Mas, apesar da correção com que se distinguem no desempenho de sua tarefa mediúnica, não é difícil identificá-lhes os resquícios prejudiciais do pretérito e a exagerada susceptibilidade que ainda manifestam no trato com o próximo. Há médiuns que se irritam facilmente quando são contrariados; buscam as primeiras posições, exigem o comando dos trabalhos espíritas e estimam profundamente o prestígio pessoal no ambiente de que participam. Sentem-se humilhados quando devem se submeter a outros confrades de menor envergadura cultural, e tudo fazem para fugir das situações que

Ramatís

os conservem no anonimato. Raros submetem-se à disciplina sensata dos postulados codificados por Allan Kardec, e alguns deles alegam que os seus princípios já passaram do tempo.

Mesmo quando se trata de espíritos inteligentes e cultos, o amor próprio ainda lhes grita profundamente no âmago da alma quando recebem qualquer advertência alheia. Algumas vezes reproduzem na seara espírita os atos insensatos do passado em novas cópias-carbono, e os mais exaltados e inconformados afastam-se imediatamente dos labores espíritos onde predomina a disciplina doutrinária kardeciana. Mais tarde, por espírito de desforra ou de rebelde personalismo, eles preferem cultivar exotismos mediúnicos à distância dos postulados espíritas já consagrados por um século de experimentação. Os mais abespinhados e soberbos rompem as algemas disciplinadoras de sua vaidade e orgulho, e desforram-se protestando que não foram suficientemente compreendidos nas suas “boas intenções”.

No passado, eles pontificavam das altas posições políticas ou sociais, impondo sua vontade aos menos aquinhoados de inteligência e deixavam de cumprir as promessas demagógicas que arrebatavam multidões. Então a Lei Justiceira os obriga hoje a servir às massas que subestimaram e agulhoaram com insistência, a fim de saldarem suas dívidas pregressas para com a contabilidade divina. Poucos médiuns reconhecem-se em prova e reparação cármica, pois a maioria considera a obrigação mediúnica como sendo fruto de sua elevada graduação espiritual ou eleição missionária, esquecendo-se de que missionários, na realidade, foram Antúlio, Hermes, Buda, Crisna, João Batista, Francisco de Assis, Allan Kardec, Ghandi e, acima de todos, o inconfundível Jesus.

PERGUNTA: — Mas o fato de os médiuns se convencerem de que são missionários a serviço do Alto não os ajuda a substituírem suas inclinações inferiores pelo serviço benfeitor ao próximo? Convictos disso eles se devotam à aplicação de passes, aos receituários, à doutrinação de sofredores e multiplicam esforços para “fazer a caridade”. Estamos certos?

O peditório aos amigos do espaço

PERGUNTA: — Haverá algum perigo em nos entregarmos à orientação de qualquer desencarnado serviçal para solução de nossos problemas particulares, uma vez que confiemos em suas boas intenções?

RAMATÍS: — Em singelo exemplo, lembramo-vos que seria bastante insensato e imprudente o santo amoroso, mas inábil que, movido por um sentimento generoso, resolvesse conduzir a fogosa parelha de cavalos atrelada a pesada caruagem repleta de crianças, com o risco de causar trágico acidente pela sua absoluta ignorância no comando do veículo. Da mesma forma, certos espíritos bons e serviçais, mas inexperientes, transformam-se em procuradores incondicionais dos encarnados, atendendo-lhes toda sorte de imprudências e resolvendo-lhes todos os problemas materiais.

Os homens que se entregam facilmente à orientação de qualquer desencarnado serviçal, sem identificar-lhe a graduação espiritual e conhecer-lhe a competência, podem até perder a dose de bom senso que é peculiar ao ser humano em comum. Muitos seres surpreendem-se quando, após a sua desencarnação, certificam-se da graduação medíocre de alguns dos seus pseudos guias, que estavam sempre prontos para atender aos pedidos mais absurdos da Terra.

PERGUNTA: — Devemos supor, então, que só os espíritos

Mediunismo

de graduação elevada podem orientar-nos satisfatoriamente?

RAMATÍS: — Alguns espíritos desencarnados e de pouca graduação espiritual ainda permanecem muito ligados às atividades terrenas. Assim, podem servir-vos com certo êxito nas soluções de alguns problemas adstritos ao mundo carnal, pois infiltram-se com mais facilidade nos ambientes físicos e apercebem-se das intenções dos encarnados. Deste modo, prevêm alguns acontecimentos e orientam seus inquietos consulentes para realizarem o melhor negócio material; opinam quanto ao noivado da moça casadoira, advertem sobre as amizades inconvenientes à família, indicam o emprego para o rapaz negligente ou aconselham a mudança dos seus pupilos para bairro mais favorável.

No entanto, não resta dúvida de que, neste caso, trata-se de almas bem intencionadas e carinhosas, que tudo fazem por servir e também por melhorar o seu padrão espiritual. Mas, evidentemente, a sua bondade e a sua ternura se tornam até prejudiciais, porque alimentam a preguiça, o interesse e a cobiça dos terrícolas. Mas são os próprios encarnados os principais culpados por essa situação em que alguns espíritos bondosos, pacíficos e servis ficam presos afetiva e ingenuamente à teia sedutora que lhes estendem da Terra sob o interesse oculto. Através de rogativas descabidas, a mente encarnada e subvertida pelo interesse enlaça o espírito desencarnado bom e invigilante, transformando-o em um corretor em atividade no mundo astral, convocado a todo instante para suprir a inexaurível mendicância espiritual exercida na matéria.

É acontecimento muito comum nos terreiros de Umbanda, onde muitos freqüentadores buscam apenas solucionar as suas tricas particulares, transformando os pretos-velhos e humildes, os caboclos prestativos e os silvícolas ingênuos em seus “escravos psíquicos”. O verbo “pedir” passa a ser empregado sem qualquer cerimônia, disfarçado pelas mais afetadas demonstrações de carinho e gratidão dos encarnados, constituindo verdadeiro suborno espiritual destinado a comover os corações generosos do Além.

CAPÍTULO 31

As influências obsessivas sobre
os médiuns e suas conseqüências

PERGUNTA: — Certos candidatos a médium e adeptos do Espiritismo queixam-se de que não podem dominar o seu torpor visual assim que procuram estudar ou ler as obras espíritas. Acreditam mesmo que são espíritos atrasados ou malévolos que procuram impedi-los no seu desenvolvimento mediúnico e no seu progresso espiritual. Há fundamento em tais alegações?

RAMATÍS: — Achamos algo estranho que essas criaturas sintam as pálpebras pesadas quando lêem obras espíritas e, em geral, nada lhes suceda de incômodo ou inoportuno assim que se devotam à leitura de novelas fúteis, romances quilométricos, revistas tolas ou dramalhões lamuriosos. Se elas manifestassem o mesmo interesse, prazer e devotamento para com as obras de esclarecimento espiritual, cremos que nenhuma força oculta ou sugestão inferior seria capaz de cansar-lhes os olhos ou entorpecer-lhes o cérebro. Supondo-se, no entanto, que elas não possam realmente vencer de qualquer modo essa má influência que as perturba durante a leitura espiritual construtiva, é aconselhável que se submetam a um tratamento urgente psíquico, porquanto se trata então de criaturas obsidiadas e que abdicaram de sua vontade.

Em muitos casos elas não têm interesse pela valiosidade dos ensinamentos da vida imortal, principalmente quando

Ramatís

são criaturas que já se condicionaram às leituras fúteis, às histórias de quadrinhos e às novelas melodramáticas, que são verdadeiros desestímulos para a leitura de obras de profundidade espiritual. São devotos das verborragias sentimentalistas que lhes dispensam o esforço do raciocínio e servem de “mata-tempo”. Assim, evitam o livro sério, útil e sensato, em que a pessoa quando lê também deve pensar. Displícites para consigo mesmas, algumas delas lançam a culpa de sua preguiça mental sobre espíritos desencarnados que, sem dúvida, devem perturbá-las mesmo, assim que se devotam à leitura superior.

Deste modo, o médium fica aguardando o dia miraculoso em que provavelmente há de eclodir a jato a sua mediunidade, enquanto o adepto espírita aguarda a sua angelização instantânea, sem necessidade de manusear qualquer obra espiritualista ou devotar-se a leituras mais edificantes.

PERGUNTA: — Algumas pessoas que costumam dormir nas sessões espíritas, por não resistirem em vigília ao tempo normal do trabalho mediúnico ou da oratória, alegam que por mais que se esforcem não conseguem manter-se despertas. Que dizeis sobre isso?

RAMATÍS: — Embora reconheçamos que no transe sonambúlico o corpo físico adormece profundamente, enquanto o espírito do médium pode distanciar-se bastante para exercer algum serviço espiritual, isso não é tão comum naqueles que ressonam à larga durante os trabalhos espíritas. Em verdade, o que mantém a criatura desperta durante conferências, leituras, trabalhos mediúnicos ou doutrinários nos centros espíritas é sempre o interesse espontâneo causado pelo desejo sincero de aperfeiçoamento espiritual. Em geral, os que dormem facilmente nas sessões mediúnicas e se cansam nas reuniões evangélicas muito raramente adormecem durante o futebol, o turfe, a irradiação da novela xaroposa e mesmo no cinema, malgrado projetar-se péssimo filme.

Há criaturas que dormem nas igrejas católicas, no templo protestante e nas instituições culturais, assim que o

Considerações sobre o desenvolvimento mediúnico

PERGUNTA: — Alguns médiuns queixam-se do seu insucesso quando desenvolviam a mediunidade nas mesas cardecistas, alegando que se desenvolveram rapidamente assim que passaram a freqüentar os terreiros. Que dizeis a isso?

RAMATÍS: — Embora respeitando o método de desenvolvimento mediúnico nos terreiros, que é bastante diferente e até oposto ao que se processa na área do Espiritismo codificado por Allan Kardec, devemos dizer que em ambos os casos o êxito não depende de maior ou menor desembaraço ou agitação física, mas sim é dependente do conteúdo espiritual superior que o médium cardecista ou o “cavalo” de Umbanda tenham podido acumular e consolidar no seu espírito.

A mediunidade, e principalmente a de prova, não é um dom concedido pelo Alto para ser aproveitado de qualquer modo e a qualquer preço, com o fito de “salvação” urgente da humanidade terrena. Ela é um recurso, ou seja, um acréscimo divino concedido prematuramente para a melhoria espiritual do próprio candidato a médium, geralmente bastante endividado pelas suas imprudências do pretérito. Em conseqüência, o que importa não é a quantidade do tempo que ele precisa despende para o seu desenvolvimento, mas é a qualidade espiritual aprimorada, conseguida durante o exercício ou o comparecimento à sessão mediúnica.

Que vale um desenvolvimento mediúnico rápido e fenomê-

Mediunismo

nico, se o médium ainda nada possui de útil e bom para ofertar ao próximo? Porventura, não seria insensatez oferecer-se uma taça vazia àquele que agoniza de sede? Desde que a faculdade mediúnica não é banho miraculoso capaz de transformar instantaneamente o seu portador num sábio ou num santo, mas sim uma hipersensibilidade perispiritual prematura nos médiuns em prova, ela deve ser desenvolvida em perfeita concomitância com a recuperação espiritual do seu próprio agente, pois ele é o mais necessitado e também é aquele que pode ser o mais beneficiado.

Como o desenvolvimento mediúnico não consiste numa série de movimentos rítmicos, algo parecidos à ginástica física muscular, o candidato a médium encontra no ambiente de trabalho espiritual a oportunidade valiosa de apurar os seus atributos angélicos, muito antes de tornar-se um intermediário fenomênico dos espíritos desencarnados.

Na sua freqüência assídua à sessão mediúnica e ante a influência benfeitora da oração e dos ensinamentos evangélicos, ele terá ensejo de dominar muitos impulsos viciosos e moderar os sentimentos irascíveis e indisciplinados. Comprovando a imortalidade da alma, através dos espíritos comunicantes, também elevará o seu tom psíquico, dinamizando sua fé nos propósitos da vida espiritual. No serviço de irradiação aos enfermos o médium ativa as próprias células cerebrais, enquanto desenvolve melhor o senso crítico e ajuizamento no julgar as coisas ao defrontar-se com os motivos de angústia e de perturbação dos espíritos sofredores, que são alvo dos esclarecimentos benfeitores do doutrinador.

PERGUNTA: — Mas não é louvável a ansiedade de todo médium em comunicar o mais breve possível o pensamento dos espíritos desencarnados, a fim de cumprir o seu dever espiritual e fortalecer-se sob a proteção do guia para enfrentar os óbices da vida humana?

RAMATÍS: — Embora sem comunicar diretamente o pensamento dos espíritos dos falecidos, ele há de incorporar inúmeros valores no seu acanhado patrimônio espiritual, muito antes da aflitiva idéia fixa de ser médium para receber o guia ou “fazer